

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR  
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA - NCET  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DGEO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**HELLEN VIRGINIA DA SILVA ALVES**

**GRADES INVISÍVEIS: AS CARACTERÍSTICAS SÓCIOESPACIAIS DA  
PRISÃO A PARTIR DA PERCEPÇÃO DAS MULHERES  
ENCARCERADAS NA PENITENCIÁRIA FEMININA DE RONDÔNIA**

**TOMO II**

**PORTO VELHO – RO  
2017**

**HELLEN VIRGINIA DA SILVA ALVES**

**GRADES INVISÍVEIS: AS CARACTERÍSTICAS SÓCIOESPACIAIS DA  
PRISÃO A PARTIR DA PERCEPÇÃO DAS MULHERES  
ENCARCERADAS NA PENITENCIÁRIA FEMININA DE RONDÔNIA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de título de Mestra junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva

Linha de Pesquisa: Território, Representações e Políticas de Desenvolvimento – TRSD.

**PORTO VELHO – RO  
2017**

## Sumário

APRESENTAÇÃO .....	4
1. Carla Cristina: a mãezinha.....	6
2. Esperança: mulher prestativa e “bola pra frente” .....	11
3. Mirtes: a cabeleireira vaidosa .....	16
4. Carla: a faz-tudo da família .....	24
5. Sofia: uma jovem mulher com sede de independência.....	44
6. Alegria: uma menina-mulher carente de amor, respeito e estrutura familiar.....	61
7. Guerreira: uma mulher forte e de postura constantemente defensiva, mas que se desarma ao falar da família. ....	74

## APRESENTAÇÃO

O presente volume é constituído, exclusivamente, por sete histórias de vida de mulheres encarceradas na Penitenciária Feminina Estadual de Rondônia – PENFEM.

As histórias de vida aqui apresentadas foram apreendidas a partir de entrevistas de história oral e passaram pelos processos de transcrição, textualização e transcriação. Após realizados estes procedimentos, surgem as narrativas que o leitor aqui encontrará, estas não seguem a estrutura tradicional de perguntas e respostas, pois são fluidas e contínuas. Os diálogos estabelecidos em forma de perguntas, respostas, observações e comentários são apresentados em forma de narrativa contínua. O texto foi trabalhado com a intenção de preservar e destacar os momentos sensíveis do diálogo, bem como comunicar as experiências vivenciadas por estas mulheres em estágios distintos da sua existência: a vida antes do cárcere, a vida durante o cárcere e as expectativas para o futuro. Nesta perspectiva, destacam-se, e se torna possível perceber com maior clareza, as ideias, representações sociais e questões relacionadas ao espaço, lugar e as relações de gênero estabelecidas em cada uma das etapas de vida mencionadas e dessa forma podemos perceber como estas experiências relacionam-se com a percepção do espaço e do lugar que as mulheres ocupam (ou não) neste ambiente.

Buscamos preservar a estrutura narrativa original, resguardando os movimentos do discurso que remetem aos movimentos da memória, motivo pelo qual é possível perceber em alguns momentos viagens ao passado que rapidamente se transformam em passeios pelo presente e vislumbram o futuro.

As intervenções realizadas referem-se à adequação vocabular da linguagem coloquial para a norma culta, por tratar-se de um texto acadêmico. Contudo, tivemos o cuidado em preservar algumas expressões que representam a individualidade do sujeito, ou seja, gírias, expressões regionais e próprias do ambiente carcerário, ainda que de forma mínima.

Nos concentramos em excluir as repetições e os vícios de linguagem coma finalidade de tornar a narrativa mais fluida e a leitura mais agradável.

Em comum acordo com as mulheres que contribuíram com a pesquisa, optamos em preservar a identidade das mesmas. Os nomes aqui apresentados são fictícios, cabendo à elas a livre escolha da forma como gostariam de ser reconhecidas.

As intervenções realizadas ocorreram mediante os preceitos da ética e foram validadas pelas mulheres que corajosamente aceitaram compartilhar suas histórias de vida conosco, apresentando um pouco das subjetividades presentes neste universo que para muitos parece ser quase impenetrável; o universo carcerário.

## 1. Carla Cristina: a mãezinha

29 anos.

Preso, reincidente no artigo 33; tráfico de drogas.

Natural de Porto Velho - Rondônia, residia no bairro Marcos Freire, zona leste da capital.

Grávida de oito meses.

Esperava ansiosamente o nascimento de seu filho Messias, apesar de todas as adversidades impostas pela cadeia.

Fotografia 1: Carla Cristina durante a criação de um mapa mental.



Fonte: ALVES, Hellen Virginia da Silva. Acervo pessoal. 2016.

***“Enquanto eu viver, quero que ela e meu filho vejam que sou uma boa mãe e não quero que Deus permita jamais que eles venham parar num lugar desses.”***

Eu morava com a minha mãe quando meu pai era vivo. Ele trabalhava no garimpo e batia muito na minha mãe. Minha mãe trabalhava escondida dele. Aí mataram ele no garimpo e minha mãe ficou com cinco crianças pra cuidar.

Nós estudávamos, só eu que sempre fui mais danada que os outros. Minha mãe sempre deu o melhor dela pra nos manter, trabalhava duro pra não deixar a gente

passar fome. Tudo que ela podia fazer ela fez, só que eu arrumei uns coleguinhas e com dez anos eu comecei a ver meus colegas fumando maconha e fiquei na curiosidade... Aí um dia um menino perguntou se eu poderia levar uma “biribinha” pra ele ali que ele me dava cinco reais. Eu falei: “*Eu quero*”. Aí eu fui, levei, só que quando eu recebi dinheiro preferi trocar pra experimentar o que era a maconha. Aí minha mãe começou a ter dor de cabeça comigo, eu comecei a fugir de casa, comecei a levar polícia em casa e minha mãe começou a sofrer, ela começou a chorar... Daí ela “arranjou” um rapaz, que é o esposo dela até hoje. Hoje ela é casada e tem dois filhos com ele. Foi meu padrasto que cuidou da gente.

Eu fui a primeira a sair de casa, minhas outras irmãs todas são trabalhadoras, são casadas, tem sua família...

Eu saí de casa porque conheci o pai da minha filha, eu tinha dezoito anos. Ele foi preso e eu engravidei dentro da cadeia. Não tive oportunidade de conviver com ele. Eu fui embora de casa, porque minha mãe mandou escolher entre ela ou ele e eu preferi ele. E hoje eu sofro as consequências da minha escolha. Minha mãe avisou que se eu fosse por esse caminho eu ia quebrar a cara e realmente eu quebrei... Mas isso tá servindo como lição de vida “pra mim”.

Ele nunca mexeu com droga, foi preso por ter matado umas pessoas, foi acusado de latrocínio. Em dezembro, depois de onze anos, eu casei com ele. Agora eu estou grávida de novo dele e eu espero mudar de vida.

Eu já mudei cem por cento pra melhor porque quando eu vim presa pela primeira vez minha filha ainda era pequena. Ela ficou na casa da minha sogra, então ela sofreu muito. Quando eu saí, pensei que eu não ia mais fazer nada de errado, e decidi correr atrás de trabalho, mas não consegui. Foi aí que eu comecei a discutir com a minha sogra, ela me xingava e eu xingava ela, ela vinha querendo me bater, eu empurrava ela. Eu era muito estressada “mermo”... Aí foi quando ela falou que era pra “mim” ir embora, começou a me xingar. Nesse tempo meu relacionamento com ele também não estava indo muito bem. Então decidi ir atrás de procurar uma casa, fique sabendo que estava tendo inscrição do Minha Casa Minha vida lá na Talismã. Aí eu fui atrás, correr atrás, eu falei: “*Quer saber, eu vou é atrás duma casa pra mim morar!*”

Eu passei três dias indo e não conseguia nada. Quando chegou no terceiro dia eu consegui. Eu já estava com o “olho fundo”, parecia que eu estava noites e noites acordada. Eu fiz a inscrição e agora eu recebi a notícia que eu ganhei a casa e agora

eu tenho pra onde ir, tenho onde ficar com a minha filha, o meu filho. Se Deus quiser e ele sair agora, nós vamos morar juntos e criar nossos filhos. Elevai trabalhar, eu também porque eu vou fazer trinta anos e eu não quero viver nessa vida. Eu sei que a minha filha está sofrendo e eu também estou sofrendo muito por causa dessa situação. Eu estou grávida, eu não imaginava que ia ficar grávida aqui nesse lugar. Só eu sei o que eu estou passando nesse momento aqui dentro. Apesar de tudo minha mãe não vem me ver... Minha família não liga pra mim... Mas minha sogra tá aí comigo, me acompanhando, me ajudando no que pode... Eu agradeço muito à ela e quando eu sair daqui eu quero agradecer a ela tudo que ela fez por mim até hoje ...

Eu vim para aqui porque quando eu saí da primeira vez que fui presa eu fui atrás de trabalho, mas não conseguia. O único trabalho que consegui foi pelo convênio com a SEJUS<sup>1</sup> durante o semiaberto. Eu trabalhava no IML<sup>2</sup>, ficava todo o mês trabalhando e recebia só seiscentos reais. Eu achei pouco, daí fiz uma entrevista na SUBWAY, mas não me aceitaram. Ligaram pra eu ir lá e eu fiz a entrevista e não passei. O rapaz que fez a entrevista junto comigo passou. Eu fiquei muito chateada, senti que não me aceitaram por causa do meu passado, então eu fiquei revoltada mesmo. Pensei comigo mesma: *“Ah... quer saber? Eu não vou mais trabalhar não, eu não vou trabalhar em lugar nenhum, eu vou vender é droga porque eu ganho mais dinheiro assim.”* Então esse meio de vida era fácil pra “mim” porque eu tinha dinheiro mais rápido do que se eu ficasse trabalhando e ganhasse um salário por mês. Desse jeito eu podia ganhar mais todos os dias. Nessa vida eu fazia por dia mil reais ou até mais. E foi por causa disso que eu estou aqui de novo.

A relação com a minha família depois que eu vim pra cá não mudou muito porque a minha mãe é um pouco difícil e eu também sou igual, ou melhor, mais difícil ainda... A relação com a minha filha mudou bastante porque estou longe dela e não tenho oportunidade de levar ela na escola. Quando ela vem me ver ela chora pedindo pra que eu volte pra casa pra “mim” cuidar dela. Agora ela tá passando por psicólogo porque ela não quer ir pra escola, não quer fazer mais nada. Sempre que eu faço alguma pergunta pra ela, ela fica com medo de responder, eu converso bastante com ela, mas ela fica assim “meio estranha” comigo. Eu percebo que a minha relação com a minha filha mudou muito porque ela tá lá fora e eu tô aqui dentro. A coisa mais difícil

---

<sup>1</sup>Secretaria de Estado da Justiça.

<sup>2</sup>Instituto Médico Legal.



é eu ver ela, só vejo ela uma ou duas vezes no mês. Eu não tenho muito contato com a minha filha e com a minha mãe e as minhas irmãs, eu nunca tive durante todo o tempo em que eu estou aqui.

Mas isso não é razão de briga com a minha família porque a minha sempre me colocou no caminho certo, eu que sempre quis o caminho errado, querendo as coisas mais fáceis, mas ao mesmo tempo gerou problema sim porque minha mãe nunca aceitou e não aceita até hoje que eu entre na casa dela, muito menos minha filha e o pai da minha filha, principalmente agora que eu estou casada com ele. Minha mãe nunca aceitou meu casamento e ela diz que enquanto eu tiver com ele não é pra ir na casa dela. Então eu prefiro evitar o contato pra não discutir com ela, porque quando a gente discute, discute feio mesmo! Eu evito pra não deixar ela chateada.

Eu acho que nesse lugar todo mundo é igual, porque nós estamos presas, então a gente tem que ter humildade e ser uma igual a outra. Temos que ajudar as outras porque estamos na mesma situação, não tem ninguém melhor aqui. Mas o espaço é pequeno, não tem muita estrutura, principalmente para receber visitas. O local onde atualmente convivo com as outras presas que são mães é pequeno e um pouco desorganizado, não tem estrutura. Faltam tomadas e são muitas crianças e não tem berço pra todas. É muito difícil.

Eu não me identifico e nem gosto desse lugar. Todo dia eu peço à Deus pra ir embora, porque eu já estou com dois anos e cinco meses aqui. Aqui tem muita discussão. A gente precisa ter a cabeça no lugar e pensar bastante pra não se meter em confusão e não ter problema, porque se não a gente fica aqui mais tempo. Aqui qualquer coisa que acontece a gente fica mais uma temporada aqui. Esse é um lugar de muita gente ignorante, então tento ao máximo não brigar com ninguém, porque eu quero ir embora cuidar da minha filha.

Aqui algumas gostam de mim e outras não porque umas não gostam de ouvir a verdade. Quem gosta de mim gosta porque eu sou verdadeira, eu falo o que é preciso ache ruim quem achar. Quem quiser gostar de mim que goste, quem quiser “virar a cara” pra “mim” que vire, eu não me importo... Eu falo o que eu penso na hora.

Quando eu sair daqui a primeira coisa que quero fazer é encontrar minha filha, dar um abraço nela e dizer que eu a amo muito, pedir perdão por tudo que ela está passando comigo, mesmo de longe. Depois eu quero arranjar um trabalho, quero fazer uma faculdade e dar o melhor pra ela. O que eu não tive quero poder dar à ela. Quero que ela veja que a vida que eu vivia não é tão boa porque eu nunca quero ver minha

filha num lugar desses! Enquanto eu viver, quero que ela e meu filho vejam que sou uma boa mãe e não quero que Deus permita jamais que eles venham para num lugar desses.

Eu quero dizer para a sociedade não é porque a gente está aqui, que não somos gente. Nós deveríamos ser vistas com outros olhos. A sociedade deveria nos dar uma oportunidade porque nós precisamos. Principalmente nós que somos mães, que precisamos cuidar dos nossos filhos. Precisamos de uma oportunidade de trabalho, pra poder dar alguma coisa boa pra nossa família. Um trabalho honesto, sem precisar mexer com “coisa errada”. As pessoas pensam que só porque nós estamos presas, se nos derem um trabalho vamos fazer alguma coisa de errado.

## 2. Esperança: mulher prestativa e “bola pra frente”

30 anos.

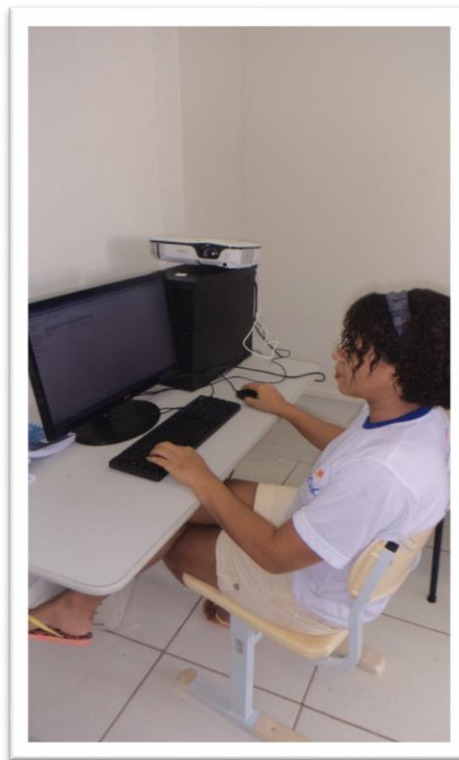
Preso, reincidente no artigo 33; tráfico de drogas.

Natural de Itapuã D'Oeste - Rondônia, residia no bairro Centro.

Conhecida carinhosamente em sua cela como “Pereirão” devido à quantidade de serviços de manutenção que se dispõe a realizar.

Uma mulher apaixonada e de bem com a vida, que na cadeia “adoece” de saudade do marido e dos filhos.

Fotografia 2: Esperança digitando.



Fonte: ALVES, Hellen Virginia da Silva. Acervo pessoal. 2016.

***“Porque esse lugar eu não desejo nem pro meu pior inimigo, esse lugar aqui não é lugar!”***

Quando eu era mais nova sofre um acidente e bati a cabeça, fique cinco dias em coma. Então não me recordo muito bem das coisas da infância, o que eu sei é porque minha mãe me contou. Ela falou que a minha vida quando eu era criança não foi fácil. Às vezes a gente tinha que acordar cedo e não tinha o que comer. Tínhamos que comer mandioca cozida pra matar a fome e às vezes ela ficava sem comer pra poder dar comida pra gente, porque nos éramos muitos filhos. Disso eu me recordo um pouco, mas não me lembro do que aconteceu realmente.

Antes de ser presa, mesmo sendo adulta eu era muito menina. Eu não gostava de trabalhar em casa, gostava de ficar brincando de bola, de montar a cavalo, só coisa de homem. Também gostava de ir pro mato com os meus irmãos caçar, também gostava de carregar caminhão de madeira, nunca gostei de ser mulher.

As pessoas falavam que eu ia ser sapatona por causa do jeito que eu vivia e das coisas que eu gostava, mas não foi isso que aconteceu. Só que ainda hoje eu não gosto muito de serviço de casa. Eu trabalho em casa, faço minhas coisas, arrumo as minhas coisas, arrumo minha casa, mas o que eu gosto mesmo é de “assentar” tijolo e cerâmica e serrar de motosserra, isso é tudo que eu gosto de fazer. Essas são as coisas que eu basicamente fazia antes, lá fora. Era disso que eu trabalhava. Eu não vendia nada de droga. Eu só vim presa mesmo porque eu estava com meu irmão. Eu gosto muito dele e sempre gostava de ir pra festa com ele pra dançar com ele, só que eu achava que pra mim isso não ia dar nada. Eu achava que, uma vez que eu não estava fazendo nada, eu não corria o risco de vir pra cá, mas não foi isso que aconteceu.

Independentemente de eu estar ali junto com ele não era aquela vida que eu queria, eu não queria vender droga. Eu só queria trabalhar, porque nessa época eu não tinha marido eu tinha que me cuidar e me virar sempre trabalhando fora de casa. Eu trabalhava na diária “assentando” tijolo. Foi assim até que aconteceu a prisão.

Da primeira vez eu passei sete meses aqui na PENFEM<sup>3</sup>, mais quatro meses na provisória. Durante esse tempo em que eu fique presa eu nunca causei confusão, nunca arrumei briga, sempre fui “na minha” e gostei de ajudar. Esse ano, em abril, já vai fazer um ano que eu estou aqui de novo. Tenho fé em Deus que até meados do ano que vem eu estou “saindo fora”, vou pro semiaberto. Já tá meio caminho andado. Um passo à frente dessa realidade que é aqui dentro.

---

<sup>3</sup>Penitenciária Estadual Feminina.

Eu estava no lugar errado, na hora errada. Eu fui pra casa do meu irmão porque a gente gostava de se reunir lá pra sair com ele. Peguei uma roupa e fui tomar banho na casa dele, daí aconteceu. A polícia invadiu a casa dele quando estavam lá minha mãe, minha cunhada, meu outro irmão, os amigos do meu irmão e meu padrasto. Eu agradeço à Deus porque nessa época fomos presos só meu irmão e eu e mais ninguém. Só nós dois viemos pra cá. Foi isso que aconteceu na minha vida.

Depois que eu fui presa a relação com minha família não mudou em nada. Nós sempre fomos muito unidos e vamos continuar unidos até o fim da vida, se Deus quiser. Nunca tivemos conflito por causa da cadeia, só meu pai que não vem me ver aqui. Ele acha que isso é errado, diz que nunca vai pisar na porta de um presídio pra visitar uma filha. Meu irmão já tá com quatro anos preso e meu pai nunca foi visitar ele.

Eu acho esse espaço muito pequeno pra tantas mulheres porque em cada cela o espaço é muito pequeno pra dezesseis até vinte e cinco mulheres. O calor é demais e o calor humano piora. É muito abafado e não tem espaço nem tem água pra gente tomar banho toda hora. É muito raro quando tem água, daí a gente tem que gritar pra ligar a bomba. Às vezes “eles” não querem ligar. De uns tempos pra cá a água tá vindo com mais frequência, mas antes “Deus é mais!”. Tinha mês que faltava água, daí tinha que chamar o caminhão pipa. Mulher sem água não é mulher! Porque mulher tem o seu período do mês que é complicado... Tem a menstruação e a higiene da mulher. A mulher por si só é toda limpinha, toda certinha, precisa tomar banho. Eu não acho que este espaço seja adequado pra nós porque é muito pequeno.

Mas ainda bem que na cela que eu tô “*puxando*”<sup>4</sup>, a coletiva 6, todo mundo é gente. Não tem diferença de raça, cor, idade... lá não tem esse negócio. Chegou é bem tratada. A gente conversa, a gente dá conselho, a gente ajuda quando pode. Lá não tem esse negócio de ter mais valor porque foi preso por esse ou por aquele crime. Estamos presas de qualquer jeito, querendo ou não estamos presas, independentemente do crime que cometemos ou não.

Eu ainda não encontrei meu lugar aqui, acho que nunca vou me acostumar com isso aqui. Não que o pessoal trate a gente mal, só que esse é o lugar onde eu estou presa. Se eu sentir vontade de comer qualquer coisa, desde um salgadinho bem barato, eu não posso. Quando eu preciso de um médico, às vezes não tem escolta

---

<sup>4</sup>Cumprindo a pena.

pra me levar. Esse lugar aqui eu não desejo nem pro meu pior inimigo! Isso aqui só Jesus na causa! Eu nunca vou me encontrar nesse lugar, nunca! Mesmo eu sendo uma pessoa bacana com todo mundo, de bem com a vida, disposta a ajudar, pra esse lugar eu não quero voltar nunca mais.

O fato de eu ser independente se tornou uma estratégia de sobrevivência aqui dentro. Se quebrou a cadeira eu conserto, se a antena tá estragada eu vou lá e arrumo. Devido ao fato de eu ser prestativa todas as meninas gostam de mim. Eu não fico de cabeça baixa oprimida pelos cantos, comigo é bola pra frente!

Mas nem tudo são rosas, tem aqueles dias que a gente acorda deprimida, com vontade de estar em casa com os filhos e o marido, daí tem as amigas pra dar uma força. O que mais me dói é a falta que meus filhos e meu marido me fazem. Eu daria tudo pra estar com eles agora, tudo... Eu não queria estar nesse lugar, eu nunca vou me encontrar num lugar desses!

Na minha opinião aqui todas são amigas minhas, eu vou conhecendo elas um pouco a cada dia que passa. Todo dia chega alguém e alguém vai embora. A gente dialoga e eu penso que podemos desenvolver uma amizade aqui dentro que sirva lá pra fora. Aqui dentro eu só construí amizades e eu quero ser amiga de todas, sem espaço para o ciúme ou esse negócio de ser mais amiga de uma que de outra porque pra mim todo mundo é igual.

Eu quero mesmo é sair daqui. Acho que quando eu sair daqui vou ver a vida diferente, porque quando eu puxei em 2009 eu não tinha marido, só minhas filhas, pra mim não fazia muita diferença. Mas hoje não, eu estou com meu marido, sinto falta dos meus filhos e tenho uma filha pequena. Eu quero é trabalhar. Meu sonho é construir uma loja de roupas pra mim. É tudo que eu mais quero! Só falta sair daqui pra conseguir isso.

A mensagem que eu quero deixar pra todos é que temos que viver a vida como se fosse o último dia, pois um dia vai ser mesmo. E nunca pensar em fazer coisas erradas, porque quem faz coisa errada vem parar nesse lugar. Esse lugar aqui é um lugar escuro. Você não tem liberdade pra nada, nem pra falar. Você não tem autoridade pra dizer não, porque se você receber uma ordem você tem que baixar a cabeça e fazer. Então procure fazer tudo certo pra não vir parar aqui. Porque esse lugar eu não desejo nem pro meu pior inimigo, esse lugar aqui não é lugar! Você acorda de manhã e olha pra aquelas grades e da vontade de sair e ir pro sol, mas aqui não pode, tem que ter horário, tem que cumprir regras. Tem grades por todos os lados.

Até o cheiro da prisão me incomoda. Temos que viver felizes lá fora, não aqui dentro.  
É isso que eu desejo pra todo mundo.

### 3. Mirtes: a cabeleireira vaidosa

28 anos.

Preso, pelo artigo 121; homicídio.

Natural de Ji-Paraná - Rondônia, residia no bairro Primavera.

Calada e reflexiva, conserva algumas poucas amizades.

Uma mulher jovem e vaidosa que apostou na fragilidade da justiça brasileira para resolver um caso de violência doméstica.

Fotografia 3: Mirtes na sala de aula.



Fonte: ALVES, Hellen Virginia da Silva. Acervo pessoal. 2016.

***“A maioria das pessoas que eu vejo aqui dentro, as meninas, elas vendem droga porque a mãe vendia, porque o pai vendia, porque o marido vendia. Aí ensinam os filhos à venderem também.”***

Vim de uma família de sete irmãos comigo. Minha mãe se separou do meu pai quando eu tinha dois anos, não me lembro dele. Eu tinha três anos quando a minha mãe arrumou outro marido, meus irmãos e eu consideramos ele como pai. Só que ele batia muito na gente, às vezes tinha motivo porque criança apronta muito mesmo, mas às vezes não porque ele bebia e fumava muito. Quando ele bebia ele batia na gente do nada! Eu apanhei muito do meu padrasto e sofri muito



por isso.

Trabalhei bastante na roça porque a gente morava no sítio, mas eu não reclamo de trabalhar porque nunca achei que isso fosse um sacrifício. Hoje em dia o Conselho Tutelar fala que a criança não pode trabalhar, mas na minha opinião é por isso que tem muita criança que se torna marginal, porque não tem o que fazer e os pais não dão atenção necessária. Daí vira marginal e acaba no lugar onde eu estou hoje. Hoje acredito que o trabalho na infância foi necessário para que eu tivesse a consciência que eu tenho hoje. Claro que hoje eu tenho uma filha e não quero que ela trabalhe no mesmo trabalho pesado que eu trabalhei, mas fazer uma coisinha ou outra não mata ninguém. Então meus irmãos e eu trabalhamos bastante catando milho, na roça de arroz, feijão e café mas acho que foi fundamental na minha infância. Hoje eu não me lembro disso com tristeza e sim com saudade. Eu sinto o cheiro dos pés de café, eu sinto o cheiro do milho, do sereno. Lembro da gente levantando de madrugada e tomando café, saindo no escuro pra trabalhar, sinto saudade... Não sinto vergonha nem tristeza de falar, só alegria. Se eu pudesse voltar eu voltaria no tempo, mas não tem como. Hoje eu não trabalho, não faço nada, sinto muita falta do tempo em que trabalhava. Aí eu cresci pensando em ser cabeleireira, esteticista. Sempre gostei de ver gente bonita, amo ver gente bonita! Por isso eu queria ser alguma coisa que transformasse a pessoa. Eu queria que se uma pessoa chegasse triste no salão, fizesse maquiagem, as unhas, uma massagem e saíssem de lar de bem com a vida. Eu acredito que a aparência física da mulher é importante para que ela se sinta bem por dentro e fora. Com o homem é diferente.

Eu também sonhava com roupas bonitas. Eu sempre sonhava em poder comprar roupas e sandálias bonitas pra mim. Sempre tive muita vaidade.

Meus irmãos foram crescendo e saindo de casa e eu convivi mais com minha irmã Marinalva que e três anos mais velha que eu e meu irmão que é dois anos mais novo que eu.

A gente mudou pra cidade quando eu tinha 15 anos, com 16 anos eu casei. Eu queria namorar e minha mãe era do tempo antigo, não podia namorar, tinha que casar, então ela autorizou e eu casei. Casei na igreja, de véu e grinalda, tudo certinho. No começo meu marido era um príncipe encantado, ele fazia eu me sentir bem em todos os sentidos; fazia eu me sentir bonita, dizia que eu era educada, que nunca ia encontrar alguém igual a mim. Depois de casada vivi uma no bem. Depois

de um tempo eu percebi que queria ter filhos. Eu admirava muito minha mãe, queria ter muitos filhos igual a ela. Ela teve 10 filhos, três morreram e hoje somos sete. Se ela conseguiu cuidar de todos eu também conseguiria. Aí eu descobri que ele não poderia ter filhos porque tinha feito vasectomia e não havia me contado. Eu acreditava que podia engravidar dele, tomava até anticoncepcional. Quando eu falei pra ele que queria ter filhos ele me contou, daí tudo desandou!

Eu queria me separar dele, mas ele não queria. Ele dizia que ia morrer se eu me separasse dele, dizia que se ele não morresse ele ia me matar e outras ameaças que os homens fazem. Daí eu continuei com ele, mas me sentia obrigada a ficar com ele porque não existia mais amor. Eu não queria ser uma mulher que nunca poderia ter filhos, mas eu também não queria ser uma mulher separada. Aí ele começou a dizer que eu não queria mais transar com ele porque eu tinha outro, mas não era nada disso, era porque eu não gostava mais dele mesmo. Foi aí que ele começou a me agredir. A primeira vez que ele me agrediu agente tinha um ano e meio de casados. Então eu me separei dele e fui morar na casa da minha mãe, mas ele foi lá e me trouxe de volta à base da porrada, porque ele achava que podia tudo. Eu tinha muito medo dele, convivia com ele não por amor e sim por medo. O tempo foi passando e ele continuava me agredindo, passou a me trair. E eu fui aguentando... Quando eu completei dezenove anos eu já tinha três anos de casada e não queria mais viver naquela situação. Eu preferia ir presa do que viver aquela vida pra sempre porque daquele jeito eu estava presa também, só que que estava sofrendo mais do que se eu tivesse em uma cadeia. E aí eu matei ele. Não gosto de contar os detalhes porque não me faz bem, mas foi aí que aconteceu tudo isso e eu fui presa...

Quando eu fui presa eu pensei que ia ficar uns dois ou três anos e depois ia sair porque a lei brasileira é frágil. Eu pensava que o fato de eu ser primária e estar estudando, trabalhando e ser menor de 21 anos iam me ajudar a sair mais rápido. Mas eu fui sentenciada a 7 anos e 2 meses de prisão no fechado. Só que durante a minha estadia na cadeia eu arrumei algumas confusões, conflitos com algumas presas, acabei brigando e quando isso acontece a gente responde também. Descobri que arrumar telefone e ficar falando no telefone dentro da cadeia também é crime e aí eu acabei ficando mais tempo. Hoje eu já não deveria mais estar no fechado porque eu já terminei de pagar o meu crime, mas eu ainda estou aqui por coisas que aconteceram dentro da cadeia e ainda tenho que ficar mais um tempo.

Depois que vim pra cá a relação com a minha família não mudou em nada porque até hoje minha mãe ainda me visita quando ele pode. Ela não pode sempre porque ela mora longe, agora mesmo está morando em Mato Grosso, só minha irmã que ainda mora aqui em Rondônia. Os outros irmãos não vêm me visitar porque moram longe, no Ceará e um deles mora na Itália então não tem como vir me visitar. Uma vez por ano eles vêm passear aqui então aproveitam pra me visitar.

Nunca tive problema com minha família pelo fato de eu ter sido presa. Minha família nunca me julgou pelo que eu fiz. Eu não contei pra ninguém o que ia fazer, só fiz e pronto. A minha família sabia que eu estava sem saída, eles sabem que se eu tivesse outra saída eu não teria feito o que eu fiz, por isso nunca me julgaram pelo que eu fiz, nunca me condenaram, sempre e apoiaram em tudo. Até quando eu arrumava alguma confusão aqui dentro eles sabiam que era porque tinham me tirado do sério, porque eu sou uma pessoa muito na minha, sabe?

Hoje em dia eu sou muito sossegada e quando acontecia alguma briga aqui eles sempre me perguntavam o que foi que aconteceu. Eles ficavam do meu lado e não me julgavam. Eles nunca falaram coisas que eu já vi outras famílias falarem, como por exemplo: “Desse jeito parece que você não quer sair da cadeia” ou “Desse jeito eu vou te abandonar”. Todas as vezes eles ouviram minha história e falaram coisas como: “Tenha mais paciência que a gente quer você lá fora”.

Isso que eu vivo aqui não tem nada a ver com o que eu vivia lá fora, aqui nada me lembra o tempo da minha liberdade, nada, nada, nada...

Aqui em Porto Velho as pessoas ficam primeiro na Provisória e quando são sentenciadas vem pra cá. Se elas foram absolvidas vão da Provisória para casa e se não, vem pra cá na PENFEM. Quando chegam aqui é a direção que escolhe onde vão ficar, em que cela vão ficar. Nas celas coletivas geralmente moram mais de vinte mulheres em cada uma. Cada cela coletiva tem 15 camas, que a gente chama de “jega<sup>5</sup>”, portanto ficam 5 até 8 mulheres dormindo no chão, na praia como a gente chama, com o colchão no chão. Para ganhar uma jega é por ordem de chegada, se você chegar antes tem o direito de ir pra jega quando alguém for embora e assim sucessivamente. A outra que estava esperando fica mais perto de ganhar a jega quando mais uma for embora e assim vai...

Logo que eu fui presa se você matava alguém era mais respeitada ou, as

---

<sup>5</sup>Cama da cela.

vezes não era respeitada, era medo mesmo porque a gente chegava com a cabeça meio “locona” e as pessoas tinham até medo de conversar, falar alguma coisa que você não gostasse e pra quem já estava na pindaíba mesmo não custava nada matar de novo. Ou então aquela pessoa que já tinha ido presa várias vezes chegava com uma “moralzinha<sup>6</sup>” a mais com as outras. Tinha moral principalmente quem matava policial, agente, pessoal da justiça... aí essas eram mais respeitadas. Mas hoje as coisas estão diferentes, começaram a mudar de uns quatro anos pra cá. Agora aqui todas são iguais.

Apesar de estar aqui a um bom tempo eu nunca vou me acostumar com esse lugar, nunca vou me acostumar com isso, mas eu aprendi que eu tenho que esperar porque as portas não vão se abrir de uma hora pra outra, não vai acontecer um milagre. Hoje não tenho mais aquela ansiedade, sei que tenho que esperar um tempo, depois eu vou embora. Antes eu ficava pensando que aqui não era o meu lugar. Me perguntava o que eu estava fazendo aqui. Pensava em ir embora, pensava que um milagre ia acontecer e eu não iria ficar aqui mesmo sendo sentenciada. Eu tinha pegado 18 anos, mas pensava que eu ia ficar só um pouquinho e logo iria embora. Agora eu sei que tenho que pagar minha pena.

A primeira estratégia de sobrevivência que aprendi aqui foi ser educada mesmo com quem não fosse educada comigo. Porque aqui se você responder a pessoa do mesmo jeito que ela fala com você, na mesma altura, você pode arrumar confusão. Às vezes você bate, as vezes você apanha, tudo pode acontecer. Isso já aconteceu comigo, já arrumei confusão, já bati e já apanhei porque eu queria ser educada só com quem era educada comigo. Agora eu aprendi que não é assim, devo falar educadamente com quem me der uma má resposta porque assim ela vai ficar com vergonha e vai até me pedir desculpas. Segundo; aprendi a ficar mais calada porque às vezes a gente comenta alguma coisa sem maldade na mente, mas lá adiante alguém comenta aquilo que a gente comentou só que de outra forma. Daí fulana fala assim: “Ah, mas você tá falando de mim assim?!” E não vai adiantar dizer que não falei dessa forma porque aí eu já vou arrumar confusão. Então eu aprendi a ficar mais calada. Opinião eu também só dou quando me pedem, principalmente porque eu moro numa cela coletiva com 22 pessoas, então se está acontecendo uma confusão com duas meninas eu não devo me meter, se elas estão conversando

---

<sup>6</sup>Prestígio.

ou brigando entre si deixa pra lá, eu fico “na minha”. E se pedirem minha opinião eu digo: “Na minha opinião...” Eu jamais me intrometo sem ser chamada. Eu já fiz isso também por gostar muito da pessoa, me meti na conversa e acabei me dando mal, então hoje em dia eu sou mais calada. Se for pra conversar eu vou falar com alguém que me pareça confiável e não vou conversar com ela com a intenção de falar mal de ninguém, muito menos pra pedir opinião sobre alguém, eu vou falar sobre a minha vida. Se eu estiver angustiada, se estiver triste ou se quiser desabafar eu não converso mais com pessoas, eu falo com Deus. Antes eu não falava com Ele, agora falo. Eu falo: “Deus essa pessoa está me tirando do sério, eu sou só um ser humano, estou desabafando...” Eu falo mal da pessoa pra Deus e depois peço perdão. Eu peço pra Deus me dar mais entendimento e mais tolerância porque aqui a gente precisa bastante disso. Aqui tem pessoas difíceis de conviver e tem pessoas que você precisa delas para sobreviver aqui dentro. Tem pessoas que dão conselhos bons sem nem você perguntar nada. Percebem que você está precisando de uma palavra amiga, sabe quando você quer ser abraçada e quando você não quer. Aqui tem pessoas assim e tem pessoas de todo tipo.

Quando eu sair daqui quero primeiro resolver minha vida pessoal e depois minha vida profissional. Eu preciso matar primeiro a saudade que sinto da minha família. Eu não sinto tanta saudade da minha filha como eu sinto dos meus irmãos porque eles moram longe e não podem me visitar sempre. Primeiro eu quero viajar com a minha filha para o nordeste, porque a maioria dos meus irmãos moram lá. Quero curtir bastante, falar todas as coisas que eu tenho vontade de falar agora e não posso. Eu quero olhar pra eles e falar, falar, falar toda hora. Eu também quero curtir muito a minha mãe porque ela já está idosa. Quando eu fui presa ela já tinha 52 anos, mas era bem saudável, hoje em dia ela está mais doentinha porque descobriu que tem diabetes, colesterol, pressão alta e um monte de coisas. Depois quero me planejar porque atualmente tenho alguns planos pra minha vida profissional só que ainda não decidi entre fazer uma faculdade e montar outro salão de beleza, porque eu já tinha um quando eu fui presa. Porque faculdade não tem nenhuma que eu goste e salão eu gostaria de montar um tipo um salão que atenda com estética, tudo junto, como se fosse um spa. Só que eu não sei se vai ser possível financeiramente, mas aos pouquinhos e com a ajuda dos meus irmãos eu vou montar um negócio. Primeiro será pequeno, depois conforme eu for podendo eu vou aumentando. Pode ser que a faculdade fique para depois, quando eu tiver

meu próprio negócio porque se eu for fazer faculdade meus irmãos vão ter que gastar comigo porque eu não vou ter trabalho ainda e eu não vou me sentir bem em pagar a faculdade com dinheiro deles. Então vou montar meu negócio primeiro pra depois fazer a faculdade. E eu também pretendo pegar a minha filha porque a guarda dela está com a minha mãe, mas eu pretendo morar junto com a minha mãe, não pretendo me casar. Se eu casar o marido vai ter que morar comigo e com a minha mãe. Eu não quero mais ir morar com o marido, mas eu não pretendo me casar agora não. Acho que eu já desacostumei com esse negócio de homem. Acho que não quero mais não.

Hoje se eu pudesse fazer um pedido e se ele pudesse ser atendido eu pediria pra cuidarem mais da saúde e da educação das crianças porque eu vejo que o mundo está cada dia pior e eu não acho que a culpa seja nossa. Eu acho que a culpa é dos governantes porque eles não cuidam da saúde e da educação das crianças. Elas vão crescendo no meio da marginalidade e achando que isso é uma coisa normal. As crianças de hoje em dia presenciam assassinatos, pessoas vendendo drogas, pessoas estuprando, fazendo um monte de coisa ruim e acham que isso é normal. Essas coisas passam na televisão todo dia para quem quiser assistir, no jornal e em tudo quanto é lugar.

Eu também acho que a escola não está sendo suficiente, então os governantes precisam cuidar melhor da saúde e da educação, se fizessem isso não precisaria cuidar de mais nada no mundo. Só isso resolveria os nossos problemas de hoje em dia. Eu não desejo ver nenhuma dessas crianças que tem pouca idade hoje passar pelo que eu passei. No meu caso não foi falta de educação, nem falta de saúde. Eu acredito que o meu caso seja um caso isolado, uma coisa que poderia ter acontecido com qualquer um. Mas a maioria das pessoas que eu vejo aqui dentro, as meninas, elas vendem droga porque a mãe vendia, porque o pai vendia, porque o marido vendia. Aí ensinam os filhos a vender também. Tem mãe que conta com orgulho que o filho corria para esconder a droga quando via a polícia. Tem mãe que acha que isso é bonito e tem orgulho de falar que o filho dela sabe mexer com droga, sabe esconder droga da polícia. Ou então conta que o filho estava no mercadinho e quando viu a polícia passar foi correndo avisar pra mãe tomar cuidado porque a polícia estava vindo. Eu sou presa, mas não concordo com a maioria delas. Por isso prefiro ficar calada para não arrumar confusão. Eu acho isso muito errado mesmo porque a criança deveria estar na escola estudando e ocupando a mente

com outras coisas, fazer parte de alguma associação ou então estudar em tempo integral. Mas as crianças estão na rua.

Acho que os governantes estão pouco se lixando para isso, se preocupam em encher o bolso de dinheiro, em garantir o futuro deles, dos filhos e netos, mesmo sabendo que os filhos deles, parentes e netos podem ser vítimas da violência ou que eles podem também podem se envolver com drogas por achar que é bonito ou que pode matar pessoas porque isso também é bonito ou normal. Por isso eu penso que a maioria das maldades, dos crimes que acontecem hoje em dia é culpa dos nossos governantes e da gente que não sabe escolher. A gente entre aspas porque eu não voto, mas as pessoas que não sabem escolher colocam no poder qualquer pessoa achando que vai acontecer um milagre de Deus e que vai ficar tudo bem. Não! A gente tem que saber escolher quem estamos colocando para nos representar. Eu penso muito nisso.

#### 4. Carla: a faz-tudo da família

42 anos.

Preso atualmente pelo artigo 33; tráfico de drogas.

Natural de Porto Velho - Rondônia, residia no bairro Caladinho.

Muito educada e entusiasta pelos estudos, restringe suas amizades às colegas da coletiva 6.

Uma mulher vaidosa e de boas falas que desde a infância aprendeu que os homens não são confiáveis e que pra receber alguma coisa é preciso dar algo em troca.

Fotografia 4: Carla estudando no laboratório de informática.



Fonte: ALVES, Hellen Virginia da Silva. Acervo pessoal. 2016.

***“Quem não é visto não é lembrado não é mesmo?! Quando eu tô na rua minha irmã e minha mãe me ajudam bastante, mas como eu tô aqui presa e não posso dar nada em troca (porque na minha família funciona assim: Tem que dar pra poder receber), (...) então ninguém me ajuda..”***

Eu só tenho mãe, não tenho pai. Só vi meu pai uma vez quando eu era criança. Acho que até hoje sou um pouco rebelde por isso. Minha mãe biológica só me teve,



depois ela pagou uma senhora pra cuidar tomar conta de mim. Um dia minha vó foi me visitar e me viu muito magrinha jogada numa rede e resolver me pegar pra criar. Eu sei dessa história porque minha vó conta, minha mãe mesmo nunca me contou nada.

Minha vó gostava muito de viajar e sempre me levava nas viagens, mas por causa disso eu passei da idade de começar a estudar. Então pra que eu não ficasse muito atrasada na escola minha tia resolveu me criar, já que a minha vó viajava demais.

Só que a minha tia já tinha família, ela era casada e tinha um filho que não era do marido dela, era da época de solteira. O marido dela implicava muito comigo e com meu irmão porque não éramos filhos dele, por causa dele eu ficava perambulando; uma hora morava com minha vó, outra hora com minha mãe biológica e outra hora com a mulher que chamo de mãe, essa minha tia. A melhor parte da minha infância foi a parte que eu estava com a minha tia, ela não me deixava faltar nada. Talvez porque a infância dela foi muito difícil ela não deixava faltar nada pra gente; era uma roupa, um tênis da moda, comida, ela levava a gente pro cinema, pro parque... Eu lembro que naquela época tinha o Circo dos Trapalhões e ela levava a gente. Lazer, Natal, Ano Novo... ela nunca deixou faltar nada pra gente. Era comida do bom e do melhor. Dela eu só lembro coisas boas...

Da minha mãe biológica eu lembro que ela e meu padrasto bebiam muito, lembro de muitas festas na minha casa, de muita gente. Lembro até bem do começo da minha infância, quando minha vó tinha um motel e eu usava fraldas. Lembro que nesse motel eu fui abusada por homens que iam lá, eles pegavam nas minhas partes íntimas.

Eu lembro que minha mãe biológica e meu padrasto moravam na Vila de Samuel, apesar de ter uma casa aqui. A casa da cidade eles usavam pra guardar as coisas porque a casa da Vila de Samuel o trabalho do meu padrasto deu mobiliada pra eles morarem. Eu lembro que ela ia pra Vila de Samuel e me deixava sozinha na casa da cidade. Quando meu padrasto tava trabalhando na cidade ele não ia pra vila e eu lembro que quando ele chegava do trabalho ele sempre tentava me abusar. Ele nunca chegou a cometer "o ato", mas ficava falando besteira, dizendo que me amava, ficava me lambendo... coisas terríveis que eu nem gosto de lembrar.

Então eu fui crescendo assim; uma revolta dentro de mim porque eu nunca tive apoio de ninguém. Essa minha mãe ... *(pausa e choro)*.

Eu lembro que a minha tia sempre trabalhou muito. Até hoje ela trabalha no Tribunal de Justiça. Antes ela trabalhava e estudava muito. Ela se formou em Geografia e não tinha tempo pra ficar em casa, então além de me criar e me educar ela me pegou pra ser o braço direito dela, ela pegou pra me ensinar a ser uma dona de casa. Eu cuidava da casa e ajudava na criação dos dois menores que ela teve com meu padrasto. Eu fazia muita coisa pra eles, quando ela me ligava sempre eu ia no trabalho dela, levava o que ela tava precisando. A casa da cidade ficava no bairro Pedrinhas e os problemas eram muitos porque além do meu padrasto tinha um vizinho que... Quando eu tinha nove anos, um dia minha tia me pediu pra vir aqui no centro, não lembro bem pra quê. Mas como a gente morava bem aqui no Pedrinhas era só pegar um ônibus e descer no centro, era coisa muito rápida. Eu já sabia andar a cidade toda com nove anos, já sabia todos os nomes de rua porque eu aprendi com ela. Aí, eu lembro que eu tava na parada de ônibus e acho que meu vizinho já ficou observando quando eu saí de casa. Ele me ofereceu carona de moto e eu na inocência de criança, aceitei, mas ele não me levou pro centro, ele me levou prum lugar distante que eu não sei onde é. Era tipo uma chácara, um sítio. Quando chegou lá, lembro que tinha uma casa abandonada e um banheiro mal construído. Eu tava com muito medo, mas eu tinha medo de pular da moto e me machucar. Aí ele me levou pra essa casa e me abusou sexualmente. Ele fez o que quis comigo, botou uma arma na minha cabeça. Ele era policial civil e só andava armado. Eu lembro que ele disse que se eu fizesse alguma coisa, se eu contasse pra minha mãe, ele ia matar todo mundo da minha família. Eu tinha muito medo dele e nunca contei isso pra minha mãe. Até hoje ela não sabe dessa história. Eu só me senti à vontade pra falar dessa história aqui com as meninas porque uma conta uma história a outra conta outra e eu me senti a vontade pra contar a minha também, mas ninguém da minha família sabe disso.

Depois disso eu fiquei com muito medo e comecei a sentir que aquilo tudo era muita carga pra mim, era muita carga pra uma criança; levar “meus filhos” pro colégio, ir pro dentista, estudar, cuidar da casa...

Apesar da gente ser liberto porque ela fazia título do Botafogo, do Ferroviário, do Itajanguá e tudo mais, mas eu não queria mais sair de casa. Apesar dela se esforçar pra dar o melhor pra nós ela não entendia que toda aquela carga fazia eu me sentir muito presa.

Eu lembro que quando ela fazia faculdade na UNIR ela viajou pra Maceió por causa da faculdade. Então ficamos só nós em casa e meu irmão maior fez uma festa lá em casa e levou um monte de gente, foi aí que eu conheci duas meninas e fiz amizade com elas. Resolvi me juntar com elas e sair de casa pra enfrentar o mundo. Eu tinha treze anos.

Quando eu saí de casa pra morar com essas meninas moravam um monte num quartinho e eu parei de estudar na quinta série, mas sempre trabalhei de doméstica.

Durante esse tempo que eu fui morar só eu conheci um senhor de idade e eu tive um caso com ele. Ele gostava de falar muitas palavras bonitas do dicionário e apesar de eu não ter estudo eu gostava muito de ler e sabia falar corretamente algumas coisas. Eu também prestava muita atenção na forma como esse senhor falava e aprendia com ele. Eu cheguei a trabalhar com ele na imobiliária que ele tinha, eu trabalhei como secretária e esse foi o primeiro emprego de verdade que eu tive.

Só que, com o tempo, eu passei a me prostituir porque eu fui morar na rua e quando você mora na rua ninguém quer te dar trabalho e eu também não tinha estudo, então você não tem opção. Eu nunca cheguei a ir pra rua ser garota de programa, mas eu ficava com uns homens de idade que me ajudavam, me sustentavam, me davam moradia, roupa, móveis... essa era a maneira que eu tinha de me sustentar. Nessa época eu cheguei a me relacionar com muito dono de loja, mas eu não pensava em pedir uma casa, dinheiro... tinha cabeça de adolescente, só pensavam em pedir roupa, sapato, ir pra uma manicure fazer unha, ficar com o cabelo bonito... Essas coisas de adolescente.

Nessa época a minha situação oficial era de foragida de casa, porque eu era menor de idade e minha mãe queria que eu voltasse pra casa, então o DEMEC vivia correndo atrás de mim. Então eu também não estudava com medo deles me acharem. Eu era adolescente, então qualquer coisa eu pensava que eles iam me achar. Até que um dia eu resolvi me matricular no 21 de Abril, mas parei de novo por causa das amizades que me levavam pra outro caminho.

Um dia eu fui no mercado comprar carne com essas meninas e dei de cara com a minha mãe no mercado. Saí correndo de lá, mas ela saiu gritando atrás de mim até me parar e falou: *“Eu não vou mais atrás de você porque se você saiu de casa foi uma escolha sua.”* Aí ela comprou carne pra mim e as meninas e eu ficamos felizes. Aí eu fiquei de bem com a minha mãe e passei a andar na casa dela de novo e na casa da minha mãe biológica também.

Foi aí que eu conheci o meu primeiro namorado, que foi o pai do meu filho mais velho. Em mudei um pouco a minha mente, mas não muito, tanto que a gente não chegou a casar. Namoramos dois anos, mas não chegamos nem a morar juntos.

Depois eu conheci o pai dos meus outros filhos. A minha sogra era uma espécie de mãe pra mim. Eu fui me apegando com ela e daí eu fui morar com eles e levei meu filho mais velho. Quando eu tive meu segundo filho, o meu mais velho tinha um ano e meio. Até hoje eu considero ela minha sogra. A minha família é ela e meus ex-cunhados porque a minha família mesmo... Minha mãe só serve pra me criticar, ela diz que me ajuda, mas só me ajuda se eu fizer alguma coisa pra ela.

Todo mundo fala que eu sou muito zelosa, eu gosto muito de limpeza e higiene e cozinho muito bem. Então quando tem alguma coisa, alguma festa, todo mundo lembra de mim e vai me buscar onde eu estiver, mas é pra trabalhar, pra cozinhar, pra limpar as coisas... Com a minha irmã é diferente, hoje ela trabalha no Departamento de Pessoal porque minha mãe pagou todos os cursos pra ela, mas eu nunca tive essa oportunidade. Comigo isso nunca aconteceu, sempre foi eu e eu mesma. Como minha irmã trabalha no Departamento de Pessoal, onde ela ia trabalhar me chamava. Apesar de a gente brigar as vezes, a gente é unida e ela sempre dava um jeitinho de me arrumar trabalho.

O único que ainda chegou a me ajudar com cursos foi meu padrasto porque acho que ele tinha remorso. Só que ele sempre gostou muito de bebida e apesar de eu ter perdoado ele, de vez em quando eu lembrava do passado quando ele bebia... Eu até cheguei a acompanhar ele quando ele fez uma cirurgia em Goiânia. Ele ajudou a pagar o meu curso de Técnico em Enfermagem, mas depois que ele ficou doente não pôde mais pagar e eu tive que parar.

Na verdade, eu comecei a estudar quando me separei do pai dos meus filhos. Nós vivemos juntos por quatro anos, mas ele bebia muito, me espancava e me deixava presa em casa. Muitas vezes ele me deixou grávida trancada em casa pra ir pra rua namorar com outras. Ele me deixava trancada e quando chegava em casa ainda me batia porque dizia que eu tava com macho, então minha vida com ele foi só apanhando. Ele me batia tanto que toda vez que eu assoava meu nariz, saía sangue. Mas eu tinha muito medo de deixar ele porque eu pensava que não ia poder levar meus filhos. Logo que eu me separei, meus filhos foram morar com a avó deles lá em União Bandeirantes.

Durante esse tempo a minha mãe (essa minha tia) sempre me ajudava com rancho, com roupas, sapatos..., meus filhos chamavam ela de vó porque minha mãe biológica nunca quis ser vó deles. Inclusive eu trabalhei de “faz tudo” na casa dela; cozinheira, lavadeira, zeladora, até enfermeira, tudo era eu.

Depois que eu me separei do meu primeiro marido eu reencontrei um amigo de infância que também morava perto da minha casa, o Edivaldo. Ele trabalhava com o Movimento Estudantil e a gente acabou se relacionando. E aí, pra que eu pudesse participar como Delegada do Movimento Estudantil eu tinha que estar estudando, então eu voltei a estudar por causa disso. Ele viajava muito e dessa forma eu podia viajar com ele pra não ficar sozinha.

Aí eu comecei a trabalhar com o Movimento Estudantil e entrei pra política, me filiei ao PC do B e fui começando a desenvolver essa parte política. Daí eu me tornei uma pessoa que sabia conversar sobre tudo; sobre política, sobre futebol, sobre notícias do telejornal..., sobre tudo eu sabia um pouco.

Dessa forma eu terminei o ensino fundamental e quando eu fui pro ensino médio eu fui estudar no João Bento e por lá eu terminei. Assim que eu terminei tentei o vestibular da UNIR, mas não consegui passar. Fiz alguns concursos públicos, mas também não deu.

O casamento não deu certo e eu conheci meu terceiro marido, o Verilson. E esse tem uma longa história sobre ele... Eu o conheci num bar onde eu trabalhava de garçonne e a gente foi se relacionando e as pessoas sempre falavam pra mim que ele usava drogas. Foi em 2002, eu tava terminando meu ensino médio e eu tinha 24 ou 26 anos...

Apesar de ser meio louquinho, ele era uma ótima pessoa. Ele já tinha terminado os estudos dele, gostava de jogar futebol e era um ótimo jogador, só que ele foi por caminhos errados. Nessa vida de jogar ele se envolveu com droga. E eu, mesmo passando por tudo que eu passei e chegando a morar na rua, nunca tinha me envolvido com droga. Eu só morei na rua porque eu não queria procurar minha família com “cara de tacho”, eu pensava: *“já que eu saí de casa eu vou até o fim.”*

A gente se envolveu, mas eu sempre trabalhava. Como eu morava sozinha, a gente mal se conheceu e já foi morar junto. O Verilson era aquela pessoa alto astral, que te colocava pra cima, que você se sentia bem de tá perto dele. Os amigos todos gostavam de convidar ele pra onde iam e esse foi um dos grandes problemas do nosso casamento. Não parava gente lá em casa; os amigos, os irmãos dele..., pra onde iam

chamavam a gente. Então ele bebia muito e usava drogas. As pessoas sempre me falavam: *“Ah... você fica com esse fulano, ele é isso e aquilo e usa droga.”* Mas eu não tinha muita intimidade com droga, então eu achava que ele cheirava e que nada ia acontecer, desde que ele não usasse na minha frente. Mas eu não conhecia a *“merla”*<sup>7</sup>. Se hoje tem o crack que é o bicho, antes era a merla que era a mais forte.

Eu morei três anos com ele, sempre trabalhando. Três anos depois as coisas começaram a mudar. Ele passava uns dias fora de casa e depois voltava. Como ele tinha um amigo que era plantonista na Termonorte e tinha carro, o amigo saía do plantão e já saía buscando todo mundo pra ir pro piseiro<sup>8</sup>. Só que eu não podia reclamar, porque quando eu conheci o Verilson ele já tinha esse amigo, então da mesma forma que ele me aceitou eu tinha que aceitar ele. Quando ele passava dias fora de casa eu pensava que era mulher, eu não pensava que era droga.

Eu tinha saído do meu trabalho e tava trabalhando de diarista perto da minha casa. Um belo dia, eu tô voltando pra casa depois de uma diária e cheguei em casa e vi o apartamento todo fechado. Acendi a luz e abri as janelas e vi ele sentado no sofá com o cigarro na boca. Ele tava usando essa merla. Eu tomei o cigarro dele com muita raiva porque eu pensava assim: *“Como é que ele pode pegar o dinheiro que é pra se manter e se alimentar e vai usar droga pra acabar com a vida dele???”*

Comei a xingar e joguei o cigarro lá longe. Quando eu abri a porta do banheiro, o colega dele também tava fumando lá dentro. Aí eu briguei tanto que ele e o amigo foram embora e a gente se separou.

Mas eu nunca tinha conhecido alguém como ele, porque nos relacionamentos que eu tinha tido eu sempre sofria e apanhava muito. E ele era uma pessoa que me elogiava, nunca havia me agredido, não deixava eu fazer serviço de casa sozinha, quando eu chegava tava tudo pronto, sabia me colocar pra cima e isso me cativou. Eu não sei se foi devido à eu não ter tido esse amor de pai e mãe e toda essa estrutura que uma pessoa precisa, mas só sei que ele me cativou.

Aí eu resolvi voltar com ele, mas antes eu mudei de apartamento com vergonha de tudo que tinha acontecido. Daí, a partir disso, eu vivia mudando de apartamento com vergonha porque todo mundo sentia o cheiro e ouvia as brigas. E a minha rebeldia

---

<sup>7</sup>Droga letal que conserva resíduos da borra da pasta base de cocaína, adicionada à querosene, ácido sulfúrico, barrilha (material usado para limpeza de piscina à base de óxido de cálcio), cimento, soda cáustica, amônia, cal virgem, solução de bateria de carro e gasolina geralmente reutilizada inúmeras vezes.

<sup>8</sup>Festa.

era diferente da dele porque eu descontava tudo no álcool, nas festas e nas amizades e eu passei a beber muito. Eu me joguei no álcool, o álcool era a minha válvula de escape (*choro*)...

Nessa época eu trabalhava como vendedora praticista na Esplanada e eu já não sabia o que fazer. Eu decidi que, já que ele ia fazer isso mesmo, eu ia deixar ele usar dentro de casa porque pelo menos ele não ia ficar sumido na rua correndo risco de madrugada.

Depois de um tempo eu comecei a usar com ele. Foi por curiosidade. Eu queria saber que gosto tinha isso. Eu pensava que devia ser muito bom pra uma pessoa deixar tudo que ama pra trás. Porque quando ele tava bom, ele era outra pessoa; muito prestativo, me ajudava em tudo e todo mundo da minha família gostava dele por isso. Ele também era um excelente armador, todo mundo gostava do trabalho dele, mas devido ao álcool e as drogas ele nunca passava muito tempo em nenhum emprego. Quando ele tava trabalhando, também era muito honesto. Todo o salário dele era na minha mão pras despesas de casa.

Quando eu passei a usar droga junto com ele tudo piorou. Eu passei a andar nas ruas de madrugada atrás de droga com ele quando dava fissura. Cada vez eu queria usar mais. Até meu padrasto começou a usar droga junto com a gente. Quando ele tava aqui na cidade, nós três nos juntávamos e era festa, bebida e droga. Eu comecei a faltar serviço e perdi o emprego. Fui trabalhar de “faz tudo” na casa da minha mãe, mas comecei a faltar também. Faltava de duas vezes na semana.

A droga te derruba, o nome já diz; é uma droga. Mesmo assim eu ainda era a estrutura da casa porque o dinheiro dele era pouco, era difícil ele conseguir se segurar em algum serviço. A minha família sempre me dava uma segunda chance, já a família dele já tava cansada porque ele começou a usar com 16 anos. Ele já tinha o costume de pegar as coisas da família dele; se desse sopa ele pegava, vendia e ia comprar droga.

As coisas começaram a ir se desfazendo porque ele pegava minhas jóias, roupas, pegava as coisas de casa e vendia... Eu mesmo usando droga não gostava de me desfazer de nada, mas eu comecei a emagrecer muito. Eu usava 44 e cheguei a usar 38 porque a droga me tirou a fome e tirou minha vontade de viver. Eu entrei em depressão, não queria ver ninguém. Cortei meu círculo de amizade e meus amigos passaram a ser aqueles que usavam droga junto comigo (dois amigos dele, ele e meu padrasto).

A gente começou a brigar muito e ele começou a me bater. Eu vivia me separando dele porque eu queria sair dessa vida, mas só conseguia quando tava longe dele. Eu conseguia entre aspas, porque não usava tanto quando tava só, mas quando batia a solidão eu bebia, procurava as drogas e depois a igreja. Ficava numa mistura de coisas.

Eu mudava de apartamento pra fugir dele, mas ele sempre me achava. Eu só não fui embora da cidade porque não queria perder de vez o contato com meus filhos. Eles moravam com a avó e eu só via eles nas férias e feriados prolongados.

Ele ficou louco, porque como a família já tava cansada dessa vida dele, ele pensava que só tinha a mim, então ele me perseguia e invadia meu apartamento e me espancava.

Ele pensava que eu era o porto seguro dele e não me abandonava de jeito nenhum e apesar de tudo, eu gostava dele. Mas essa situação foi virando uma bola de neve.

Uma vez, eu morava num apartamento de um cômodo só com um banheiro, que eu repartia a cozinha com o armário, fazia uma espécie de parede. Eu fiz a cozinha próximo à janela, que tinha uma grade. Eu lembro que ele chegou um dia de madrugada, depois de beber e usar droga, jogou arroz e feijão pela grade, jogou tudo que tinha em cima do fogão em mim e eu acordei assustada. Perto da janela tinha um armário e na primeira gaveta do armário ficavam os talheres. Eu lembro que cheguei perto da janela pra pedir pra ele ir pra casa da mãe dele e ele queria que eu abrisse a porta porque dizia que ali era a casa dele. Ele conseguiu alcançar meu braço pela grade e começou a me esmurrar, daí a primeira coisa que eu fiz foi abrir a gaveta do armário e pegar o primeiro talher pra me defender. Era uma faquinha de serra, mas tava escuro então eu pensei que só tava espetando a mão dele pra ele me soltar, mas quando eu fui ver ele gritou e conseguiu arrombar a porta. Daí eu pude ver que o braço dele tava todo furado. Foi a primeira vez que eu machuquei uma pessoa, mas foi porque eu tava numa situação em que eu não tinha como escapar dali.

Daí ele entrou no apartamento sangrando muito e deitou na cama. O piso do apartamento ficou todo sujo de sangue. A fachada tinha perfurado uma veia arterial.

Os vizinhos ouviram o barulho de briga e do arrombamento e chamaram a polícia. A polícia chegou junto com o SAMU e ele foi levado pro hospital. Eu fui levada pra Central de Polícia, lá eu conversei com o delegado e ele me perguntou se nós tínhamos filhos. Eu respondi que não, então o delegado disse: *“Eu vou te dar um*



*conselho: sai fora desse cara. Se você não deixar esse cara ele vai acabar com a tua vida.*” O delegado viu como eu tava: meu rosto todo ensanguentado e eu toda machucada.

Saí da Central e peguei o Norte e Sul pra voltar pra casa, dentro do ônibus eu encontrei a mãe dele indo pro hospital. Como os pais deles gostavam muito de mim, a mãe dele me perguntou porque eu tinha feito aquilo com ele. Quando eu expliquei o motivo ela me entendeu e disse que depois a gente ia conversar. Eu fiquei sabendo depois que, quando a mãe dele chegou no hospital, o único pedido que ele fez foi que eu ficasse com ele no hospital, ele queria que eu cuidasse dele.

Quando ele recebeu alta ele foi morar na casa da mãe dele. Eu fiquei sabendo que ele chorava pedindo pra me ver. A mãe dele deixava ele trancado em casa, mas ele fugia pelo vitrô do banheiro pra me procurar pela cidade. Ele tava doente, obcecado.

Daí um dia ele me encontrou na parada de ônibus e voltou comigo pra casa. Ele disse que a casa dele era comigo e que não ia me deixar. Aí vivemos até 2010 juntos, sempre nesses altos e baixos. Daí em 2010 teve o aniversário da sobrinha dele, toda a família estava reunida, todo mundo feliz, parecia que era a despedida dele... Ficamos até o final ajudando a arrumar.

No dia seguinte esse nosso amigo chamou a gente pra sair. Ele tava doidinho porque já fazia muitos dias que ele não usava. Nesse dia eu não tava legal, parece que eu tava adivinhando que ia acontecer alguma coisa, então eu decidi que não ia beber. A gente passeou bastante até que fomos pra um motel pra poder usar. Ele comprou uma garrafa de cachaça para levar pro motel, nosso amigo bebeu cerveja e eu bebi só um pouco de cerveja porque eu tava evitando mesmo, se eu cheguei a tomar uns dois copos de cerveja foi muito. Depois de sair do motel a gente continuou passeando e resolvemos passar na casa da minha irmã. Eu tava até brigada com ela, mas mesmo assim ele decidiu passar lá. Ele tava muito alcoolizado porque tinha tomado a garrafa de pinga sozinho e tinha usado droga e essa droga funciona assim: se você tiver bêbado ela aumenta o efeito do álcool, mas com o tempo ela corta o efeito do álcool e fica só o efeito da droga.

Na minha irmã eu decidi tomar cerveja, tomei ao todo umas seis latinhas, mas tava consciente de tudo que eu tava fazendo. Comigo essa droga não fazia quase nada, a única coisa que acontecia é que eu ficava assustada, com medo de tudo. Mas

ele ficava muito alterado, muito agressivo e por qualquer coisa brigava comigo e me batia.

Eu percebi que ele já tava muito alterado e já tava querendo me bater lá na casa da minha irmã. Ele começou a brigar comigo porque queria que eu fosse embora, mas eu não queria ir porque eu sabia que se a gente fosse pra casa ele ia brigar comigo e me bater.

A gente morava bem perto da casa da minha irmã, distancia de só umas cinco casas descendo a ladeira ficava nosso apartamento e na frente do apartamento tinha um ponto comercial vazio, onde funcionava uma frutaria.

Depois desse dia que eu furei ele, toda vez que a gente ia pra casa e que ele queria me bater eu mostrava uma faca pra ele e ameaçava, mas só pra ele ficar com medo e não me bater muito, era a forma de defesa que eu tinha e aquilo funcionava pra mim.

Nesse dia eu pensei: *“Eu não vou agora, vou deixar ele ir na frente porque como ele tá muito bêbado ele vai dormir e quando eu chegar em casa não vai acontecer nada”*. Mas foi um engano meu. Minha irmã até pediu que eu ficasse e não fosse pra casa pra não dar confusão.

Eu deixei ele ir e depois de meia hora revolvi ir pra casa. Quando eu cheguei em casa ele tava me esperando acordado deitado no piso e já começou a me xingar com ciúme dos amigos da minha irmã.

Eu ficava com o cartão do meu padrasto porque eu sacava o dinheiro dele e ele me dava uma parte pra ajudar a pagar meu aluguel. Só que quando a gente queria comprar droga e não tinha dinheiro em casa, eu pegava o cartão do meu padrasto e trocava por dinheiro no posto de gasolina perto da minha casa.

Quando eu abri a porta do meu quarto tava tudo revirado, acho que ele tinha tentado achar o cartão pra comprar droga, mas não tinha conseguido. Minhas gavetas tavam reviradas, meus documentos todos espalhados pelo quarto, dentro do guarda-roupa tava tudo bagunçado. Daí eu decidi tirar satisfação com ele pra saber porque ele tinha feito aquilo. Então ele começou a me agredir e eu tentei fugir, mas só consegui chegar perto da porta, mas ele me puxou e me bateu bastante. Até que ele me jogou perto da pia e eu consegui pegar uma faca. Eu só queria fazer medo pra ele pra ele parar, porque era assim que eu conseguia assustar ele.

Só que nesse dia ele tava com o demônio no corpo. Ele conseguiu tomar a faca de mim e me bateu ainda mais. Eu gritava pedindo ajuda, mas os vizinhos tinham

saído e só ficaram as crianças em casa. Daí eu consegui chegar perto da porta pela segunda vez, mas de novo ele me puxou e bateu mais forte ainda. Eu consegui pegar a faca de novo e corri pro sofá e me sentei, segurando a faca disse pra ele: “*Verilson tu não vai parar de me bater não? Não chega perto de mim porque se tu vier eu te furo!*” Eu pensei que ele ia ficar com medo, mas ele veio correndo pra cima de mim e acho que ele pisou de mal jeito no tapete e caiu por cima de mim. Eu fechei o olho e pensei: “*Agora eu vou morrer*”. Quando eu vi, ele se levantou de cima de mim. Nem eu, nem ele sabíamos que ele tinha se furado. Quando ele levantou foi que eu vi que ele encostou na mesa, como se ele tivesse sentindo fraqueza. Daí eu vi que ele suspirou e depois do suspiro o sangue começou a jorrar. Aí eu soltei a faca. O único ferimento que ele tinha era uma furada que foi logo no coração. Mas, até então eu não sabia da gravidade do ferimento. Larguei a faca e falei pra ele ir pro posto procurar ajuda. Mas tinha alguma coisa errada porque ele tava perdendo muito sangue e já caiu por cima das minhas pernas, perto do sofá.

Eu fiquei desesperada e fui pedir ajuda na minha irmã porque ela tinha carro pra levar a gente pro hospital rapidamente. Eu fiquei toda suja de sangue. Isso tudo aconteceu muito rápido, em questão de minutos. Do jeito que eu tava, toda suja de sangue, eu comecei a procurar a chave do portão que ele tinha escondido. Aí eu tive a ideia de procurar a chave no bolso dele, eu virei ele e achei a chave, mas ele já caiu desfalecido no chão. Consegui pedir ajuda da minha irmã. Eu só lembro dela ligando e muitas pessoas chegando. Enquanto isso, eu tentava fazer respiração boca e boca nele e massagem cardíaca, mas ele tava muito fraco. Como a gente morava perto do posto onde ficava a ambulância, eu pensei que rapidamente chegaria o socorro. Antes da ambulância chegar minha irmã falou pra eu fugir dali, mas eu não queria nem saber se eu ia presa, eu só pensava que, se eu fosse embora, eles iam deixar o Verilson morrer. Eu só queria salvar ele. Mas todo mundo falava pra eu ir embora, então eu corri e fui pra casa de um parente. Cheguei toda suja de sangue e fui contar a história. Eu fiquei muito desesperada, eu só pensava que ele não ia se salvar. Lembro, quando foi nove horas da manhã, ninguém tinha dormido, então como eu não parava de perguntar sobre ele, minha parente pegou a bicicleta e foi atrás de notícias dele. Quando ela voltou já foi com a notícia que ele havia morrido. Depois eu fiquei sabendo que, depois que sai de lá, ninguém ajudou mais ele, ninguém queria ajudar pra não se complicar e a ambulância só veio chegar uma hora e meia depois.

Daí eu passei um tempo escondida na casa de uma parente e depois de 72 horas eu me apresentei com um advogado pra dar meu depoimento. Eu saí de lá pra responder em liberdade porque eu era primária. Isso aconteceu em março de 2010. Durante esse tempo eu virei um “*Zé Ninguém*” porque eu não queria mais trabalhar, eu não cuidava mais da minha casa, eu não queria fazer mais nada, era só remorso porque eu amava ele. Foram oito anos que eu vivi com ele, não foram oito dias! Foi a pessoa com quem mais tempo eu vivi, apesar de tudo. Eu acho que se ele não tivesse falecido, até hoje estaríamos juntos. Ou a gente se desgraçava ou então tinha criado juízo e melhorado de vida. Eu vivi uma depressão que eu só ficava dentro de casa bebendo. Quando eu não tava dentro de casa, eu tava usando droga, porque eu usava droga em qualquer lugar; no Trevo do Roque com os travestis... se a pessoa falasse pra mim: “*Não vai pra aquele lugar porque ali é perigoso.*” Então eu ia, porque eu não tava preocupada com a minha segurança, eu não queria mais viver. Eu não pensava nos meus filhos, no meu futuro, em nada. Eu só pensava em morrer. Eu pensava que se eu morresse, eu ia pagar pelo que eu fiz. Tudo passava pela minha cabeça e eu me prostituía pra beber e usar droga.

Meu júri popular nunca vinha... Foi um sofrimento que eu não sei nem explicar, foi absurdo. Eu gostava muito da mãe dele e me colocava no lugar dela. Eu pensava que se isso tivesse acontecido com um filho meu, eu morreria. Não queria sair na rua porque eu pensava que era um desrespeito com a família dele eu ficar desfilando por aí e eu também tinha medo que alguém quisesse se vingar.

De todos os sofrimentos que eu já tinha tido na minha vida, esse foi o pior.

Minha filha na época tinha 16 anos e veio morar comigo. Ela me viu usando droga, bebendo. Ela também começou a usar droga. E tudo isso aí foi consequência do que eu fiz. Depois que eu perdi ele eu entrei em depressão profunda. Eu tinha minha filha, mas me sentia sempre sozinha. Ela tinha a vida dela, queria ficar na companhia dos coleguinhas. Eu me mudei pro bairro Agenor de Carvalho pra ficar longe da família dele, mas as amizades da minha filha eram todas na zona sul, então ela se mandava pra zona sul e eu ficava sozinha em casa. Então eu ia beber e usar droga.

Até que a minha irmã arrumou um trabalho pra mim numa empresa que prestava serviço pra Petrobrás e eu fui trabalhar como cozinheira. Limpava o escritório no sábado, então, daí durante o dia, eu trabalhava e durante a noite eu bebia e usava

droga. Lá eu fiz muitas amizades. Só que fiz amizade com pessoas que também bebiam, eram alcoólatras, então aí já viu né?

Como eu passei a ter meu dinheirinho, eu saía pra beber e gostava de usar droga em casa. Nunca na frente da minha filha. Eu me trancava no banheiro e usava minha droga, minha filha nunca viu, mas ela sabia o que eu tava fazendo. Aquilo era o meu refúgio, mas só que quando tudo aquilo acabava, a depressão vinha dobrada, no outro dia os problemas vinham dobrados, no outro dia eu tinha a ressaca moral e a ressaca de tudo, da bebida, da droga...

A ressaca moral me acabava, porque eu sabia que aquilo era errado, eu não me permitia ser uma viciada em drogas. A minha mãe perguntava, mas eu sempre negava.

Aí eu fui julgada pelo júri popular, fui sentenciada. Como era primária eu peguei quatro anos e alguns meses e fui pagando no semiaberto. Eu fui julgada no final de janeiro de 2012 e tudo isso aconteceu no final de março de 2010.

Depois que eu fui julgada, parece que saiu um peso das minhas costas. Me reaproximei da minha família, voltei a trabalhar na casa da minha mãe. Meu padrasto decidiu pagar um curso técnico de enfermagem pra mim e isso me ajudou muito porque eu sempre gostei de estudar. Só que um dia ele saiu do trabalho e parou de pagar meu curso e eu não tinha condições de pagar sozinha. Então eu parei.

Enquanto isso, eu me sentia foragida da família dele, porque eu tava em liberdade assistida, além de ter que assinar de quinze em quinze dias eu não podia ficar na rua de noite e eu evitava muitos lugares por medo de vingança da família dele.

Aí eu e minha filha fomos morar de favor nos fundos da casa de um amigo da minha filha. Meu padrasto ainda tava desempregado e ele era meu braço direito, então eu não tinha como pagar aluguel. De certa forma meu padrasto me recompensou por tudo que aconteceu no passado, não que isso tire a culpa dele de tudo que ele fez na minha infância, mas a verdade é que ele me ajudou muito. Depois que ele ficou doente e eu cuidei dele, um dia ele me disse: *“Haja o que houver eu nunca vou deixar você passar fome.”*

Depois de um tempo meu padrasto conseguiu um emprego e as coisas melhoraram porque sem emprego o dinheiro da aposentadoria dele só dava pras despesas da casa dele mesmo. Ele voltou a me ajudar e eu aluguei um apartamento pra morar. Nessa época aconteceu meu julgamento e eu peguei a pena mínima, fique em liberdade e voltei a trabalhar. Durante esse tempo o meu filho do meio não teve o

que fazer e se juntou com a prima dele, que é mulher de traficante, e um outro colega que ia receber uma rescisão do emprego e decidiram “fazer dinheiro”.

Esse meu filho do meio era um menino muito tranquilo, bem calado, era da igreja e tinha acabado de chegar de Maués porque tinha passado uma temporada lá com o pai dele. Ele só tinha dois grandes defeitos; era muito namorador e não gostava muito de estudar, mas fora isso era um ótimo menino e só tinha, praticamente, esse amigo. A prima dele colocou na cabeça dos dois que se eles pegassem o dinheiro da rescisão e comprassem cinquenta gramas de droga o dinheiro ia render, ia triplicar. Os dois queriam uma forma de ganhar dinheiro, mas eram inocentes, burros, nunca tinham mexido com isso. Os planos do meu filho antes de aceitar essa proposta era vender bebida no carnaval, porque nessa época era perto do carnaval. Daí minha sobrinha veio e deu essa ideia de comprar droga pra revender e eu não sabia nada do que eles tavam tramando pelas minhas costas. Eu nunca imaginei que meu filho pudesse se envolver com coisa errada porque ele sempre foi muito calmo, diferente da irmã. Minha filha foi criada na Zona Sul, conhece todo tipo de malandro e uma hora poderia estar no lugar errado com a pessoa errada... mas ele não! Eu esperava alguma coisa errada dela, mas do meu filho nunca!

Minha filha morava comigo e esse meu filho com a avó dele, mas era perto de casa e ele sempre estava no meu apartamento com esse colega dele. Na esquina do meu apartamento tinha um centro de recuperação para viciado e como eles decidiram comprar a droga pra revender mas não sabiam como fazer, eles decidiram procurar um cara muito conhecido na vizinhança chamado Claudio. Esse Claudio vivia no centro de recuperação e decidiu ensinar os meninos a “endolar<sup>9</sup>” a droga, fazer as “birimbás<sup>10</sup>”. Eles decidiram esconder metade da droga na casa desse amigo do meu filho e o resto no meu apartamento, porque meu filho tinha a chave. Não sei o que houve pelo meio do caminho, mas parece que a polícia abordou esse Claudio com droga e perguntou pra ele de onde vinha a droga. Ele contou que os meninos tinham dado a droga pra ele, que eles tinham 50 gramas e contou pra polícia onde a droga estava escondida. A polícia conduziu todo mundo pra casa desse amigo do meu filho pra procurar pela droga.

---

<sup>9</sup>Ato de embalar drogas.

<sup>10</sup>Porção de droga embalada.

Nesse dia eu saí do serviço e passei na casa da ex-sogra da minha filha, ela tinha um salão e passei lá pra fazer meu cabelo. Quando eu cheguei no meu apartamento fui direto pro banheiro, já ia tomar banho quando eu ouvi um barulho; era a polícia batendo na minha porta. Aí eu pensei: *“Meu Deus! Meu filho deve ter brigado na rua e a polícia tá atrás dele.”* Pensei isso porque no passado ele se envolveu numa briga com outro rapaz por ciúme da namorada e o rapaz furou ele com uma tesoura. Ele chegou a ficar hospitalizado no João Paulo e eu logo pensei que essa história ainda não estava resolvida.

Aí eu ouvi quando o policial falou assim: *“Se a tua mãe não tiver aí, tu vai apanhar até umas horas”*. Logo eu ouvi a voz do meu filho dizendo: *“Não... a chave fica aqui...”* Bem nessa hora eu abri a janela e perguntei: *“O que foi?”* Se eu pelo menos imaginasse que existia droga na minha casa eu não teria aberto a janela, eu teria procurado jogar a droga num poço, por cima do telhado ou sei lá... tinha procurado me desfazer dela. Mas eu não fazia ideia do que eles guardavam na minha casa. Quando eu vi que meu filho tava com a polícia, todo marcado como quem tivesse apanhado e eu já fui abrindo a janela, abrindo o portão e a porta e quando eu vi uns seis policiais já tavam dentro da minha casa revirando tudo e eu fiquei completamente sem ação e sem saber o que tava acontecendo. Eu lembro que eu ficava perguntando: *“O que foi? Foi briga?”* Mas eles nem me respondiam e só diziam pro meu filho: *“Fala onde que tá vagabundo!”*. Eu tinha uma estante tubular que eu usava como armário e meu filho tinha escondido a droga dentro dos tubos da estante. Eles tinham pegado minha linha, minha tesoura, sacola e se duvidar, usaram além das minhas coisas, a minha casa pra “endolar”. Eu não ficava em casa durante o dia então eu não sabia o que eles faziam por lá. Eu só sei que a polícia pegou parte da droga na casa desse amigo dele, com esse tal de Claudio pegaram mais um pouco e o resto estava na minha casa.

Foi uma surpresa pra mim e meu mundo desmoronou naquela hora. Eu caí no sofá e falei: *“Meu filho pelo amor de Deus, eu acabei de ser julgada e consegui não ficar presa. Por que você fez isso?”* E ele disse: *“Mãe a senhora não tem culpa, não se preocupe que eu vou assumir tudo!”*. A polícia pediu meus documentos porque eu precisava acompanhar ele, que era menor e quando eu fui procurar no guarda-roupa acharam quatro *“paradas”<sup>11</sup>* no meu guarda-roupa, dentro do meu porta-joias. Aí já

---

<sup>11</sup>Porção de droga.

falaram que eu tava no meio e que eu que devia fornecer... Já começaram a me tratar mal e me deram voz de prisão. Meu filho dizia que eu não tinha nada a ver com aquilo e que a droga era dele, mas mesmo assim eu desci pra central.

O Claudio, que era maior de idade, jogou tudo pro meu filho. Meu filho, pra não comprometer minha sobrinha, assumiu tudo só, falou que tinha comprado a droga na Bolívia. Então meu filho assumiu a culpa dos dois colegas. Se ele tivesse contado a verdade tinha pegado pouco tempo porque ele é primário, mas ele assumiu a culpa de todo mundo.

Eu tinha acabo de ser julgada por um “121<sup>12</sup>” que já não é um crime “maneiro”... Então eu desci pro provisório<sup>13</sup> e passei dois meses lá. Meu padrasto e minha filha contrataram um advogado e eu saí do provisório depois de dois meses. Foi quando eu conheci minha mulher. A gente se conheceu no provisório e eu passei dois anos com ela. Quando nós saímos de lá, nós duas ficamos assinando aqui no semiaberto das mulheres. Aí eu fiquei assinando de quinze em quinze dias no semiaberto e de quinze em quinze dias no fórum. Até que eu fui chamada pra audiência e o advogado falou que não tinha mais o que fazer por mim, que eu tinha que aguardar a sentença do juiz e então eu fiquei aguardando.

Nesse tempo eu fiquei morando com essa minha mulher e o bom é que ela não me deixava beber. Eu fiquei trabalhando. Mas o relacionamento mulher com mulher não é normal, além de não ser de Deus é muito turbulento, é muito ciúme, muito ciúme... muita loucura. Eu vivia me separando dela e nesse vai e vem eu bebia e acabava usando droga quando ela não tava comigo. Depois de dois anos a gente acabou se separando. E nesse tempo, como o juiz não tava me procurando, eu comecei a procurar na internet e vi lá no processo que tinha um mandado de prisão pra mim.

Depois de tudo isso que aconteceu eu avalio que a relação com a minha família não mudou não, porque eu considero que minha família de verdade são meus filhos. Quem não é visto não é lembrado não é mesmo?! Quando eu tô na rua minha irmã e minha mãe me ajudam bastante, mas como eu tô aqui presa e não posso dar nada em troca (porque na minha família funciona assim: Tem que dar pra poder receber.). Como eu tô aqui presa sem poder ajudar eles então ninguém me ajuda.

---

<sup>12</sup>Artigo 121 do Código Penal, refere-se à homicídio.

<sup>13</sup>Presídio Provisório.



Meu filho mais velho é bem empregado e cursa faculdade, então ele sempre foi muito ocupado. Mesmo quando eu tava lá fora ele não aparecia muito, então eu entendo e não cobro muito. Só pelo fato de ele não me dar dor de cabeça eu sou muito grata e feliz. O mais velho não me dá trabalho nenhum, só esse meu filho do meio que se envolveu nessa confusão uma primeira vez, mas graças a Deus não deu muito certo e ele já parou por ali mesmo. E se eu tive que pagar por isso pra ele não continuar nessa vida eu pago de todo coração. Se eu tivesse que pagar dez “cadeia” pra ele eu pagava!

No dia em que eu cai aqui, dessa vez, eu tinha amanhecido o dia no piseiro com as minhas amigas. Eu tinha voltado de Jaci, porque eu estava trabalhando lá e minhas amigas já estavam há um bom tempo me chamando pra fazer um *happy hour*, relembrar o passado. Parece até que elas estavam adivinhando. Aí no outro dia de manhã a minha sobrinha ficou me perturbando pra gente ir num banho, eu nem tava querendo ir, mas ela ficou insistindo muito e eu acabei indo. A gente chamou meu filho mais velho pra levar a gente porque ele não bebe e não fuma e nós tínhamos passado a noite bebendo.

Passamos cerca de meia hora no banho e ninguém bebeu porque a gente tava com criança no carro. Então, quando a gente tava voltando, fomos parados por uma blitz na Estrada da Coca-Cola. Nesse dia meu filho tava nervoso porque tinha brigado com a namorada dele. Ele passou no teste do bafômetro, mas os agentes questionaram que o carro tava super lotado porque estavam cinco adultos e duas crianças sem a cadeirinha e pra completar a placa do carro tava sem aquele selinho, então resolveram prender o carro. Houve uma discussão entre eles e meu filho pegou o documento do carro e xingou meu sobrinho, mas o agente entendeu que fosse com ele. Mesmo meu filho explicando que não era com eles, eles acusaram ele de desacato e deram voz de prisão pra ele. Eu me meti e disse que eles tavam com “abuso de autoridade”, foi a maior confusão. Eles não souberam conduzir a blitz. Tinha até um advogado na blitz que gravou tudo... No final das contas algemaram eu, minha filha e meu filho e descemos todos pra central. Eu já sabia que minha casa tinha caído, mas mesmo sabendo disso eu só pensei em defender meu filho. Eu pensei que era a hora de acabar com aquela situação porque há três anos que eu estava sem poder trabalhar num emprego legal, sobrevivendo como cozinheira e, sem desmerecer essa profissão, eu sabia que pelos cursos que eu tinha eu podia ter um emprego melhor se eu resolvesse logo minha situação com a justiça. Então eu pensei:

“*Eu vou acabar logo com isso, eu vou pagar o que eu tiver que pagar.*” Deus é tão bom comigo que eu sabia que eu ia poder continuar com a minha vida, porque Ele me deu tempo pra pagar o que eu tinha que pagar e receber meu alvará. Porque se não ia unificar minha cadeia e eu ia passar mais tempo aqui. Então Deus sabe o que faz!

Os meus filhos quando podem me ajudam. A Amanda é meu braço direito, eu falo que ela é minha guerreira porque ela tá aqui todo tempo que ela pode. Ela já tem um bebê pequeno e tá grávida, mas sempre ela pode, ela tá aqui. Tá com três semanas que ela não vem me visitar. Eu fico triste, mas eu entendo.

Ela tinha um amigo que tinha condução e trazia ela, mas ele teve um problema de saúde, teve que vender o carro dele e não pôde mais trazer ela. Eu também não sei se ela tá trabalhando, não sei como tá a situação dela, não tenho notícia. Mas ela é minha guerreira! Quando ela tá trabalhando toda semana minhas coisas estão aqui. Não me deixa faltar nada, comprou até roupa pra mim. E graças à Deus aqui dentro a gente tem muita parceria. Apesar de tudo tem pessoas que a gente se ajuda muito. As meninas da cela, a gente se ajuda muito e graças a Deus não falta nada pra mim não. É só a preocupação do que está acontecendo com a família mesmo.

Mas o meu espaço aqui dentro não tem nada de semelhante com a vida lá fora. Nada a ver! A sua casa, o seu espaço, o seu lugar é seu, você faz o que quiser. Aqui dentro não tem nem como comparar. O espaço que a gente ocupa é pequeno, sem condições de higiene, não temos locais adequados pra visita, não temos locais adequados para receber crianças, não tem espaço pra atender pessoas com deficiência, porque tem mãe de presa aqui que tem necessidade especial, mas não tem condição adequada. Nosso banho de sol é sair da cela e ficar debaixo da “*casinha*<sup>14</sup>” conversando, só pra sair de dentro da cela. É conversar e respirar um pouco de ar puro.

A hierarquia social das presas é que na maioria das celas, não na minha, a mais antiga é quem manda na cela. Quando a mais antiga sai a segunda mais antiga é que fica mandando. Mas a minha cela, graças à Deus, não tem disso não porque a gente diz que “a coletiva é a voz ativa”. Porque se a coletiva fecha<sup>15</sup>, tá fechado. Se a coletiva não fecha, só uma não manda. A coletiva manda! Você pode ter chegado hoje, mas você tem o direito de opinar e até de reclamar.

---

<sup>14</sup> Pequena área coberta no pátio onde acontece o banho de sol.

<sup>15</sup>Decide. Expressão refere-se à decisão tomada coletivamente pelas presas da cela.

Agora, oportunidades aqui dentro não tem... Até o ENEM pra nós não adianta porque não podemos sair pra estudar, mesmo que a gente passe no ENEM. Aqui não podemos sair pra fazer um curso, ou pra trabalhar como no semiaberto. Existe a oportunidade de trabalhar aqui dentro, como eu trabalho graças à Deus, mas não tem trabalho para todas. Existe o atelier, que é um lugar que tem pra estudar e trabalhar e tem uma remuneração, mas não tem vagas para todas porque é muito pequeno.

Então teria que dar mais oportunidade para quem realmente precisa. Porque as poucas que conseguem ficam se gabando, ficam cantando de *“filhinha da diretora”*<sup>16</sup> dizendo *“É nós que manda”*. Então querendo ou não isso é um jeito de impor uma hierarquia.

Mas eu não me sinto diferente das meninas daqui não, não que eu ache que aqui é o meu lugar, mas já que eu estou aqui, eu tenho que tirar de letra. Tento aproveitar minha experiência de trabalhar com o público para me dar bem como todas. Agora, nem sempre a gente consegue agradar a todas porque nem Jesus agradou à todos. E com aquelas que eu sei que eu não agrado eu tento evitar, tento nem dirigir o olhar. Geralmente eu me comunico mais é com as meninas da minha cela porque a gente já tá ali mesmo e já se conhece. Fora de lá eu evito até de falar muito, eu fico só na minha mesmo. As pessoas já me conhecem, falam que eu sou muito caladona, mas é meu jeito.

Eu sonho em sair daqui e cuidar da minha família, dos meus filhos. Fazer uma faculdade, poder estudar e ter um trabalho legal. Ser independente e dar muito orgulho aos meus filhos.

---

<sup>16</sup>Expressão que designa as presas que são consideradas pelas demais como preferidas da gestão.

## 5. Sofia: uma jovem mulher com sede de independência.

27 anos.

Preso pelos artigos 148 e 121; sequestro e cárcere privado e homicídio.

Natural de Porto Velho - Rondônia, residia no bairro Caladinho.

De poucas amizades e temida por algumas presas.

Uma mulher apaixonada, muito intensa e verdadeira em seus sentimentos.

É vítima de um relacionamento destrutivo que coloca em risco a sua vida e liberdade. Vê na independência financeira uma forma de se libertar.

Fotografia 5: Sofia no laboratório de informática.



Fonte: ALVES, Hellen Virginia da Silva. Acervo pessoal. 2016.

***“Quando eu vim pra cá eu era a Rafaela... Eu chorava, eu tinha mais sentimentos... Hoje em dia não, eu sou durona, hoje eu sou a Sofia. Ou melhor; eu finjo ser durona porque quando eu tô sozinha eu começo a chorar.”***

Antes de eu vir pra cá, eu vim de uma família pobre e humilde. Sempre morei com a minha avó. A minha mãe morava com o meu padrasto, só que eu já tinha uma irmã e pelo fato da minha mãe já ter a minha irmã ela não poderia me levar, então por isso eu vivi maior parte do tempo com a minha avó.

Eu vim melhorar a minha relação com a minha mãe depois que eu fui presa. Durante toda a minha infância eu cobreí muito da minha mãe o motivo pelo qual ela criou minha irmã, mas não me criou. Eu tenho seis irmãos (dois homens e quatro mulheres), mas de todos a única que sempre foi cobrada e a única que terminou os estudos foi eu.

Minha mãe trabalha como camareira num motel, minha avó hoje em dia é desempregada, mas trabalhava na antiga Itamaraty.

Na minha adolescência deu muita dor de cabeça pra minha mãe porque meu tio tentou abusar de mim dentro de casa e minha mãe tentou brigar, me defender entre aspas. Entrei em conflito a minha avó porque ela não acreditou em mim, pensou que eu tava mentindo. Um dia meu pai ficou sabendo e foi na casa da minha avó e brigou com meu tio, cortou meu tio e chegou a ser preso. Então passei três anos morando com o meu pai, dos dez anos aos treze. Mas não era fácil morar com ele porque ele vivia brigando com a minha mãe por causa do que tinha acontecido com o meu tio. Então fui morar com minha mãe e meu padrasto, mas não deu certo. Porque quando eu precisei dela ela não me ajudou. Quando ela era criança ela já tinha morado com a minha avó, então ela sabia como era meu tio e mesmo assim me deixou na casa da minha avó e depois do meu pai. Ela virou as costas pra mim e eu fiquei magoada com ela.

Aí depois de um tempo a gente ficou sabendo que o meu tio quis abusar de mim porque ele pensava que eu e meu outro tio tínhamos roubado um anel de ouro dele. Depois que meu pai foi preso ele ficou sabendo que e o meu outro tio usava mela, porque naquele tempo não era pedra era mela, então ele tinha roubado o anel pra comprar droga. Daí meu tio achou que se ele fizesse isso comigo a minha mãe ia dar conta de comprar outro anel pra ele porque minha mãe sempre foi “viradeira”<sup>17</sup> ela sempre trabalhou pra me dar o que eu precisava, mas não era amor de mãe. Ela sempre foi ausente, mas ela me dava as coisas.

Aí passou o temo e eu fiquei um ano sem estudar. Daí ela (mãe) me colocou no Conselho Tutelar... Pense... foram três meses, mas foram três meses revoltantes. Aí eu fiquei braba com ela, eu dizia que eu ia fugir de lá. Aí foi quando ela começou a pegar no me pé. E foi assim que eu vim entender o sentido das coisas, foi quando ela contou que não ficou comigo não por causa da relação com o meu padrasto e sim

---

<sup>17</sup> Trabalhadeira.

porque eu lembrava muito o meu pai. Ela não ficou comigo e nem com o meu irmão, porque somos dois filhos do mesmo pai. E ela engravidou com meu pai com onze anos, ela não tava preparada. Pra completar quando ela tava grávida de mim meu pai já tava com outra mulher, a melhor amiga dela. Aí ela não quis mais saber dos filhos; nem eu nem meu irmão. O meu irmão ela deu pra tia dele e eu ela deu pra minha avó. Então quando eu tinha quatorze anos que eu vim entender o porque minha mãe não me quis.

Daí quando eu tinha quinze anos, só pra azucrinar a cabeça dela e disse que eu não era mais moça e que eu ia começar a trabalhar. Ela me levou no médico me aplicou um monte de injeção, sendo que não era verdade, eu só queria sair de casa. E via todas as minhas colegas saindo e ela não me deixava sair para lugar nenhum. Eu dizia: *“Porque tu faz isso comigo? Tu nem me criou?”* E ela dizia: *“Um dia você vai entender”*. Até que eu comecei a trabalhar como babá. Eu cuidava do filho da minha tia. Queria dinheiro pra poder comprar uma roupa, um calçado, para poder sair... Eu inventava que eu ia pro Cine Rio, mas na verdade eu ia pro Mirante porque eu gostava de dançar. Até que minha mãe descobriu, meu deu uma peia<sup>18</sup> e me proibiu de trabalhar. Ela dizia que eu não tinha precisão de trabalhar. Aí no dia do meu aniversário de quinze anos ela deixou eu sair. Eu tinha um namoradinho e era apaixonada por ele, daí decidi perder minha virgindade. Quando eu contei pra ela eu apanhei de novo porque tinha mentido. Expliquei pra ela que essa foi o jeito que eu encontrei de ter liberdade e viver minha vida, porque depois do que tinha acontecido com o meu tio eu já via as coisas de outro jeito... Quando alguém ia se aproximar de mim eu já recuava, a única pessoa com quem me senti a vontade foi com esse meu namoradinho. Depois eu conheci o meu marido, que é o pai da minha filha, o Magno. Com dezessete anos eu engravidei da Katrielle. Eu pensei que ia ser meu fim, uma menina de dezessete anos, terminando o terceiro e minha mãe também tava grávida. Aí eu fui trabalhar de garçonete, lá no Top Gun, na Jatuarana. Aí vivia correndo pra lá e pra cá e ficou muito exaustivo, meu marido também começou a ter ciúme. Quando eu ganhei a nenê minha vida deu uma reviravolta. Quando eu ainda tava grávida ele começou a sair com outras mulheres, já em olhava com outros olhos. Então eu fui morar na casa da minha mãe. Quando a nenê nasceu ele inventou que tinha que beber o mijo da criança. Ele apareceu em casa depois de cinco dias todo chupado e

---

<sup>18</sup>Surra.

arranhado. Eu fui tirar satisfação com ele e ele disse: *“Quem é que vai te querer? Tu ta com uma filha recém-nascida, a menina não tem nem cinco dias.”* Eu esperei ele ir trabalhar e no outro dia quando ele voltou só tinha roupa dele toda rasgada porque eu peguei minhas coisas e da nenê, rasguei todas as roupas dele e fui embora.

Aí começou minha vida; comecei a trabalhar, trabalhei de garçomete, camareira e recepcionista no motel, trabalhei também como servente de pedreiro e tava concluindo um estágio numa imobiliária. O tempo foi passando, eu fui vendo a vida com outros olhos, sempre querendo ser a dona do meu nariz. Antes eu dependia dele, por gostar dele e porque não trabalhava. Agora eu via a vida totalmente diferente: eu pagava meu aluguel, comprava roupa pra mim e pra minha filha, tinha autoridade, tirei uma moto na concessionária no meu nome. Antes eu usava o carro dele, mas mesmo que eu ajudasse a pagar nunca poderia dizer que era meu porque era tudo no nome dele, agora não, eu tirei foi uma moto no meu nome.

Aí o tempo foi passando e um dia, do nada, eu reencontrei uma amiga de infância. Enquanto isso o Magno tava numa bebedeira comemorando porque ele tinha passado num concurso publico e levou uns tiros. Um cara que tinha rixa com ele ficou sabendo da história e todo mundo pensava que ele tinha morrido, nisso o desafeto dele entrou na minha casa pra me roubar e me bateu.

Eu contei o que tinha acontecido pro Magno, mas ele não fez nada. Então cheia e ódio fui pra uma bebedeira com essa minha amiga. Minha mãe não gostava dessa minha amiga porque todo mundo falava que ela usava droga. Então muitas vezes minha mãe brigou comigo e perguntou se eu também usava. Ela me chamava de *“noiada”<sup>19</sup>*, mas eu não usava droga.

Um dia, eu deixei a Katrielle com a minha irmã e fui pra casa da minha amiga beber. Minha mãe ficou sabendo e foi bater na casa da minha amiga, me esculhambou e tentou até me bater. Daí antes de ir embora ela disse: *“Diga-me com quem andas que eu te direi quem tu és. Teu irmão já foi preso nesse beco, pensa bem no quê que essa menina vai resultar pra ti.”*

Aí nessa tarde minha amiga e eu fomos *“meter uma fita”<sup>20</sup>* num marinheiro que transportava soja. O bolo era de R\$ 25.000,00. Eu não tive coragem de participar, mas eu dirigi o carro, dei fuga. Como eu tava separada do Magno, nós fomos ficar

---

<sup>19</sup>Viciada em droga.

<sup>20</sup>Praticar assalto.

escondidos lá em casa. Nós começamos a beber. Quando a cerveja acabou, nós fomos comprar a saideira e na volta encontrei uma conhecida pelo caminho que me perguntou se eu sabia que a Silvana tava bebendo pertinho dali com o Deivid. O Deivid era o cara que tinha entrado na minha casa e me batido. A minha conhecida falou que todo mundo já tava sabendo o que ele tinha feito comigo e perguntou se eu ia deixar por isso mesmo. Calada eu tava e calada eu fiquei. Voltei pra casa pra beber, mas já tramando a maldade. Cheguei em casa, mandei todo mundo embora e ficou só eu, a minha amiga e o namorado dela, o Bolota. Chamei a minha amiga, contei pra ela o que minha conhecida tinha me contado e falei que sabia onde o Deivid tava e que ele tava junto com a Silvana. A Shaina, minha amiga, não gostava da Silvana porque no passado as duas já tinham brigado. Aí eu chamei os dois pra dar um susto no Deivid e na Silvana. Minha ideia era dar um susto e bater nos dois, porque ele me bateu também. Então eu disse: “Enquanto tu pensa eu vou tomar um banho porque eu to muito doida”. Daí eu só ouvi a porta do banheiro abrindo e minha amiga disse: *“E aí? Desistiu? Me chama pra fazer as coisas e vai “peidar pra trás”<sup>21</sup>?”*. Eu acho que dormi no chuveiro porque eu tinha bebido muito. Então nós fomos. Quando chegamos na metade do caminho eu decidi fumar maconha. Eu nunca tinha fumado maconha, mas precisava de coragem porque quando eu vejo sangue eu desmaio. Ficamos esperando na esquina e passaram dois rapazes por nós e um deles me conhecia. Então eu chamei minha amiga pra gente ir logo andando porque eles poderiam contar pro Deivid que eu tava por perto e ele poderia desconfiar que eu tava armando alguma coisa. O Bolota disse: “Eu fico aqui e vou ligar pro taxista, já ta tudo combinado, nós vamos lá pra Estrada dos Japoneses’.

Chegando na casa do menino ele me viu e disse: *“Ei, o que tu faz por aqui?”* Eu disse: *“Eu quero R\$ 25,00 de peruana e R\$ 25,00 de maconha”*. Ele disse que não ia vender nada pra mim porque sabia que eu não cheiro nem fumo. Eu disse que não era pra mim, que era pra Shaina. Então ele disse que pra ela vendia. Ele pediu pra conversar comigo e eu disse que se fosse pra falar sobre assunto do Magno eu ia embora porque não queria falar dele. O Deivid mandou os dois meninos irem de bicicleta pegar a droga na casa de um deles. Quando eles tavam saindo o taxi chegou dando farol alto e todo mundo pensou que fosse a polícia. O Deivid perguntou: *“O que é que ta acontecendo?”* E eu disse: *“Tá comigo, o taxista é meu amigo”*. Quando os

---

<sup>21</sup>Desistir.



meninos tavam saindo de bicicleta o Bolota já saiu armado de dentro do taxi e mandou todo mundo entrar na casa. Nessa hora do Deivid falou pra mim: *“Entra e vem pro quintal!”*. Nessa hora já me deu arrependimento, eu pensei que aquilo tava errado. O Deivid perguntou: *“Tu e a Shaina tão armando pra mim?”* Mas eu respondi que não. Então ele pensou que se todo mundo entrasse pra casa a gente estaria mais seguro. Então a Shaina fingiu que tinha trancado a grade, mas deixou só encostada e o Bolota entrou também apontando a arma pros dois meninos que tavam de bicicleta. Daí o Deivid mandou a Shaina abrir a porta e ela falou que não precisava porque tava tudo aberto. Então eu e a Shaina levamos o Deivid pro banheiro e batemos muito nele. Enquanto ele apanhava ele perguntava porque eu tava fazendo aquilo e eu disse que era pra ele nunca mais entrar na minha casa e me bater. Ele pediu pra gente parar e disse que podia me levar até o cara que tentou matar o Magno, mas eu disse pra ele que eu não queria saber de nada do Magno. Enquanto isso a Shaina pegou uma faca e começou a procurar a Silvana dentro da casa pra se vingar da surra que ela tinha levado. Daí eu disse pra Shaina que eu ia ajudar a procurar a Silvana, mas quando eu entrei no quarto me arrependi e comecei a chorar. Quando eu voltava, passei pela sala e vi que a Suzana, irmã dessa Silvana, tava na sala então eu corri pro banheiro pra avisar que tínhamos que ir embora antes que a menina fosse no Box chamar a polícia, mas eles trancaram ela no banheiro também e ela ficou toda encolhida, só de calcinha e sutiã. Eu levei a menina pra sala e comecei a conversar com ela. Ela me conhecia e me chamava de tia. Falei pra ela ficar calma que não tava acontecendo nada, quando a gente viu foi só o clarão do disparo. Aí minha colega saiu suja de sangue dizendo que era pra gente ir embora porque o Deivid tinha morrido.

Até então eu não tinha noção dos danos que a gente tinha causado porque eu só queria dar um susto nele, eu não queria matar ninguém. Aí a gente foi andando até o Sonhos Motel, lá a camareira botou a gente pra fora porque a gente estava com a Suzana e ela era menor, tinha quatorze ou quinze anos, por aí... Então fomos embora porque ela disse que ia chamar a polícia. Quando chegou na metade do caminho, nós fomos pro Morro da Bolívia, lá a Shaina e o Bolota bateram muito nessa menina de coronhada, dizendo que iam matar ela. Então eu resolvi ligar pro meu marido e falei que eu tinha feito uma besteira. Ele falou que eu ia me fuder sozinha. Que eu devia ter esperado a poeira baixar. Aí o Bolota disse que ia matar a menina e o Magno disse que não era pra matar. Que eu tava ficando doida e toda hora ele repetia que eu ia me fuder sozinha. Depois eu liguei pra minha irmã e contei que tinha matado o Deivid

e que ela não deveria deixar minha filha sair de casa porque poderia acontecer alguma coisa.

Isso tudo aconteceu de terça pra quarta e quando foi na quarta saiu no Comando Policial “*A chacina na Zona Sul, no bairro Caladinho*”. Eu vi e falei: “*Olha! Teve mais coisa pro rumo de lá e foi pior que o nosso porque a gente matou só um!*”. Porque até então eu não sabia o que tinha acontecido, mas depois que eu assisti o Comando Policial<sup>22</sup> eu e minha amiga saímos na porrada. Porque o menino que ela disse que tinha morrido não morreu, ela saiu atirando nos três rapazes que estavam no banheiro. Era pra bater só em um. E os outros dois meninos, o combinado era deixar ir. Então morre uma pessoa que não tinha nada com a história, o outro menino até um tempo desse estava na cadeira de roda e o Deivid não morreu. Depois de quatro dias eu me apresentei com o advogado. Já tinham lançado um mandado de prisão pra mim. Quando eu me apresentei minha mãe conheceu o Bolota e a mãe dessa minha amiga falou pra ela entregar eu e o Bolota. Nós nos apresentamos sete horas da manhã dum sábado, 19 de fevereiro de 2011, por volta das seis horas da tarde nós chegamos no provisório. Quando bateu o cadeado foi que eu vim cair na real; que eu tava presa e que eu tinha feito uma grande burrada na minha vida. E é onde eu me encontro hoje. Peguei 45 anos de cadeia. Baixou pra vinte. No dia do meu júri popular minha colega foi petulante comigo, me enganou. Mandou eu falar uma coisa, um acontecido dum fato que não foi real só pensando em se favorecer.

Do jeito que eu me conheço, se fosse hoje em dia, eu sei que se eu tivesse contado a verdade eu não taria nem aqui. Eu tava na rua e ela taria aqui pagando. Ou então nós três estaríamos pagando, não só eu. Ela abandonou ele na cadeia e fez uma arapuca bonitinha pra nós. Só o dela que saiu porque ela pegou um cárcere privado de cinco anos. Tá na rua... E eu, tem seis meses que eu fiquei sabendo que a minha cadeia de vinte anos permaneceu. O dela tão recorrendo em Brasília porque querem outro júri popular pra ela, mas eu to aqui até agora.

A prisão mudou a minha relação com a família porque quando eu tava na rua e trabalhava eu servia. Minha irmã apesar de ter marido contava muito com a minha ajuda e agora que eu tô aqui não sirvo mais. Se a minha irmã veio me visitar cinco vezes durante os cinco anos que eu estou aqui foi muito.

---

<sup>22</sup>Programa de televisivo sobre notícias policiais.

Mas a relação com a minha mãe hoje é outra; eu conto com ela pra tudo, ela é minha guerreira. Ela e minha filha são guerreiras! Acho que o tempo que eu fiquei aqui fez melhorar nossa relação. Mas hoje eu detesto o meu pai. Ele já foi preso, então sabe o que eu tô passando... Quando eu descobri que eu estava com suspeita de câncer mandei uma carta pra ele e ele nunca veio me visitar. Nem ao menos se importou comigo, só minha mãe...

Todos os meus outros irmãos sempre que eu podia ajudava e hoje em dia é contado nos dedos os que vêm me visitar. Hoje em dia só posso contar com minha mãe, a minha filha (que não falta nenhuma visita) e tá com pouco tempo que o meu marido voltou a me visitar de novo. Tem dois meses que ele voltou a me visitar. Nós tínhamos brigado porque quando eu descobri que estava com câncer o médico daqui me falou que eu tinha “pegado” uma bactéria no útero que é transmitida através de relação sexual. A única pessoa com quem eu me relacionei durante todo o tempo que estou aqui foi com ele, então eu tive a certeza que ele havia me transmitido essa bactéria. Mesmo aqui dentro, consegui descobrir que ele tava se relacionando com outra mulher na rua e então as brigas aumentaram. “Pra lá” ele ficou, mas quando foi agora em novembro ele voltou a vir me visitar de novo.

Antes disso a gente já brigava porque sempre quando ele vinha me visitar e eu tava de castigo ele ficava me pressionando.

Muitas vezes, quando ele vinha me visitar, eu estava chateada com os boatos sobre a vida dele aqui fora, então eu não queria ter relação com ele... Então ele me pressionava, dizia que se eu não tivesse relação com ele, no dia na visita das crianças ele não ia trazer minha filha. Então eu cedia.

Uma vez eu peguei um castigo por causa dele. Eu já tava cansada dessa chantagem dele e resolvi enganar ele, disse que eu teria relação com ele, mas que ele tinha que me acompanhar até o final do local da visita. Quando ficamos só nós dois eu bati nele e a diretora ficou sabendo... Aí já viu né?! Castigo.

Quando a gente se encontrava ele me culpava e dizia que eu devia “achar bom” ficar de castigo. Ele dizia que precisava de uma mulher dentro de casa, que ele sentia falta de conversar, que a minha filha precisava de mim, que eu não pensava na minha filha e que o que ele tinha feito, no caso a traição, foi porque ele precisava de uma mulher dentro de casa. Agora toda vez que ele vem ele pergunta: “Quando é que você vai pra casa?” Isso me dói porque eu não sei o dia que eu vou embora.

Sinto muita saudade do Magno. Hoje sinto ódio, mas ao mesmo tempo eu amo o pai da minha filha... Isso me mata por dentro....

Queria muito estar perto da Katrielle, beijar, sentir ciúmes, dengar, poder dormir com ela todo dia...

Eu trabalho pra ter a remissão porque minha filha, quando vem, cobra a minha volta pra casa. Ela diz: *“Mãe tu não vem? É meu aniversário! Poxa mãe, quando tu sair nós vamos fazer uma festona!”*

E depois desses dois meses, quando o meu marido vem, a gente ainda chega a brigar porque ele quer me cobrar coisas sem ter direito. Porque de certa forma, foi por causa de uma omissão dele que eu tô aqui presa. (Choro).

Então eu não acho certo ele me cobrar certas coisas porque a minha sentença é alta e eu não sei quando eu vou sair. Fácil é entrar, difícil é sair. Pra sair demora...

Tudo isso que passo aqui serviu pra mudar minha relação com a minha mãe. Hoje em dia temos mais carinho e afeto uma pela outra.

Aqui minha vida não parece nada com a vida na rua.

Hoje eu me sinto muito acima do peso, estou parecendo o Nonho do Chaves<sup>23</sup>. Quando eu cheguei aqui, vestia 42. Hoje visto 48 ou 50. Fala sério... Aqui não temos tempo para se exercitar.

Sinto falta de usar salto alto, andar bem vestida... Sinto falta principalmente da minha filha, mãe e irmãs.. Sou só saudade...

O convívio dentro da cela é diferente... Lá dentro tem televisão, som, mas não chega a ser a nossa casa. Lá onde eu mora, na 1 coletiva, é quente, a parede dá choque, o banheiro é pequeno, a cela tem muito mofo. Tiraram o piso, a cerâmica, de lá e fizeram só um contra-piso, mas levanta muita poeira. Quem tem sinusite vive doente.

Tem regras pra dormir na *“jega”<sup>24</sup>*; é por vez. Então, no caso, quem é mais antigo, chegou primeiro e fica com a jega, quem chegou agora fica no chão. No caso de uma pessoa mudar pra outra cela, quem tava na vez, quem tava na *“praia”<sup>25</sup>*, sobe pra jega. Então a gente chama de *“praieira”<sup>26</sup>* quem dorme no chão.

---

<sup>23</sup>Personagem obeso de um programa humorístico.

<sup>24</sup>Cama da cela.

<sup>25</sup> Condição de dormir no chão.

<sup>26</sup> Presa que dorme na praia, no chão.

Oportunidades, aqui tem várias. Agora que veio existir esse curso de Recepcionista porque antes não, era só serviço pesado. Às vezes eu chegava até a reclamar pra diretora. Eu dizia: *“Poxa só porque a gente é presa tem que ficar trabalhando no serviço pesado! Só vem curso pra ensinar a gente a colocar piso, trabalhar de pedreiro, encanador... A gente não tem que fazer isso! A gente é mulher!”* Até que veio curso de informática, agora veio de recepcionista, veio o atelier de costura e hoje em dia as meninas do atelier são remuneradas. Quem não tem família, não tem ajuda pode trabalhar no atelier e é remunerada.

De pouco tem pra cá, começou a ter a opção de “serviço laboral”. Porque antes só fazia “laboral” quem tinha a sentença alta. Quem tinha sentença pequena não tinha o direito a fazer “laboral”.

E tem muita hierarquia na nossa convivência. Muitas vezes tem que gente que pensa que só porque a mãe vem trazer um *“jumbo”<sup>27</sup>* tem o direito de se achar melhor que as outras. Hoje em dia a diferença, a superioridade não tá no artigo e sim porque tem amiga e recebe jumbo. Quem não tem família, não tem ajuda, quem é viciada, quem come o *“bandeco”<sup>28</sup>* vai fazer o quê? Vai limpar o chão pras outras, vai trabalhar pra quem tem e esperar que elas te deem alguma coisa; trabalhar pra poder fumar um cigarro, fumar um tabaco ou até mesmo ganhar um arroz pra *“colocar dentro do balde”<sup>29</sup>* pra fazer parte da *“coletividade”<sup>30</sup>*. Não é toda cela que é *“coletividade”*, são contadas nos dedos... O restante da cadeia é individual: “Cada um por si e Deus por todos”. Então tem que fazer faxina! Bastante faxina pra tentar sobreviver aí dentro, ou até mesmo pra ganhar um desodorante. Muitas vezes eles dizem que dão o kit, a administração diz que dá o kit de higiene pessoal pras pesas. Esse kit seria uma pasta, um sabonete, um papel higiênico, um barbeador e uma escova de dentes, só que isso nem sempre acontece. O que acontece mesmo é que a gente escreve ou pede da família. Teve um tempo que alguém denunciou essa situação até pro juiz. Às vezes eles dão, mas não é o kit do jeito que é pra dar. Outras vezes vem, mas eles só dão pra quem não tem família, sendo que o Estado paga e deveria fornecer pra todo mundo. O Estado não quer saber se tu tem dinheiro ou não tem, não quer saber se tu

---

<sup>27</sup> Pacote em sacola ou fardo transparente destinado à presa, contém alimentos e produtos de higiene. Entregue semanalmente, geralmente trazido pela família ou amigos.

<sup>28</sup> Marmitex da cadeia.

<sup>29</sup> Local onde as presas que vivem numa mesma cela armazenam os alimentos que serão consumidos dentro da cela.

<sup>30</sup> Organização coletiva da cela. Participar da coletividade significa participar das tomadas de decisões coletivas da cela.

caiu com droga, se é homicida ou se cometeu estupro, ele manda pra todos, mas não é pra todo mundo que eles dão.

Aqui dentro a gente também tem muito problema com a energia, porque apesar de terem gastado bastante com uma reforma na parte elétrica, a energia aqui é horrível, cai bastante. Então a gente reclama e diz que vai contar pro juiz. Mas a direção diz que se a gente contar eles vão tirar tudo de dentro da cadeia e que vai deixar a gente de castigo.

Todo dia eu pergunto pra Deus: *“Quando é que eu vou embora?”* Parei até de brigar. Aqui não me encontro, não me acostumo. Antes eu só vivia brigando, dando *“murro em ponta de faca”*.

Quando eu descobri que eu tava com suspeita de câncer eu queria esganar o pai da minha filha! Mas as diretoras conversaram muito comigo. Pediram pra eu parar de dar murro em ponta de faca porque eu já tinha agredido ele duas vezes e, portanto, eu já tinha dois PADs<sup>31</sup>. As diretoras me aconselharam muito, me disseram que se eu não parasse com isso elas não poderiam fazer mais nada por mim.

Até tentar me matar eu tentei por duas vezes, depois que eu descobri que eu tava com suspeita de câncer. Teve um dia que eu tava no fundo do poço dentro dessa cadeia, aí a diretora me chamou pra conversar e disse: *“Ou você muda, ou vai ficar aqui pro resto da vida!”* Ela pegou uma foto da minha filha lá embaixo na administração e me mostrou. Perguntou: *“Quando você veio presa, tua filha tinha quantos anos?”* Eu respondi: *“Quatro.”* E ela disse: *“E hoje em dia, tua filha tem quantos anos?”* Eu disse: *“Nove. E eu tinha vinte e um e hoje tenho vinte e seis.”* E ela falou: *“Não basta? Cria atitude! Cadê a menina que eu conheço? Aquela que sempre que vai fazer alguma atividade se destaca? Cresce! Para de dar murro em ponta de faca! Você vai ficar aqui e ele vai ficar lá fora se divertindo. É isso que você quer? A tua filha precisa de ti! Você tá de castigo e sua mãe fica ligando aqui, preocupada, querendo saber o que aconteceu com você.”*

A diretora ficou tão preocupada comigo que até chorou... Eu nunca tinha visto ela chorar. No final ela disse: *“Eu espero que você cresça depois dessa nossa conversa. Hoje eu lavei minhas mãos por ti; ou você para de brigar ou você vai ficar aqui.”*

---

<sup>31</sup> Processo Administrativo Disciplinar.

Como eu só vivia de castigo depois que descobri essa palhaçada do meu marido, eu falei pra ela: *“A senhora quer que eu mude mesmo? Me dê um trabalho!”* Aí ela me arrumou um curso e serviço de encanador. Eu fiquei muito braba! Eu disse: *“A senhora tá me tirando é?! Só porque eu sou presa a senhora pensa que eu só posso trabalhar de encanadora é?”* Daí a diretora disse: *“Tá vendo? É esse tipo de atitude que te estraga.”*

Quando eu vim pra cá eu era a Rafaela... Eu chorava, eu tinha mais sentimentos... Hoje em dia não, eu sou durona. Ou melhor; eu finjo ser durona porque quando eu tô sozinha eu começo a chorar. No meio das outras meninas eu sou a doidona, quando eu tô sozinha eu começo a chorar e me arrependo das coisas porque eu sei que muitas vezes eu sou grossa. A pessoa que eu sou hoje não tem nada a ver com quem eu era na rua. Eu fiquei com o coração ruim, não vou mentir. Eu deixei até de acreditar em mim mesma! Por isso que eu falei pra diretora que ela tava me tirando, querendo que eu trabalhasse de encanadora. Mas aí ela completou: *“E tem mais! Você vai ficar entregando o pão! Vai ter que acordar cedo, não quer trabalhar, não quer mudar?!”* Eu pensei: *“Ai meu Deus do céu! Essa mulher quer me tirar é pra otária!”*

No meu primeiro dia no laboral eu acordei antes das seis horas. Isso é difícil pra quem era acostumada a acordar meio dia, puxando a cadeia de jega. Fui entregar os pães. Todo dia era a mesma rotina, mas depois de um mês que eu tava entregando pão eu comecei a fazer o curso de fazer rede de futebol. Então eu já não ficava mais dentro da cela; de manhã eu entregava os pães, depois fazia o curso e trabalhava como encanadora e de tarde ia fazer rede.

No primeiro dia do curso de encanador, eu não fui com a cara do professor! Eu achava as aulas chatas, mas depois que começou a prática e a gente aprendeu a reduzir os canos e conversar mais com o professor eu fiquei motivada e comecei a gostar das aulas do professor do SENAI. Poucas conseguiram ficar até o final, algumas não conseguiram e outras desistiram. No começo eu só fui pela remissão, mas no dia da entrega dos certificados eu até chorei.

Pra sobreviver aqui eu tive que lutar muito. Quando eu cheguei aqui eu tinha o coração muito besta, por tudo que os outros falavam eu acreditava. No começo, no tempo da gestão antiga, boa parte da minha cadeia foi só castigo. Nesse tempo a gente pegava 90 dias de castigo. Às vezes os outros faziam mal pra mim, mas mesmo assim queria tá lá, enturmada. Uma vez minha mãe veio me visitar e disse: *“Tu veio pra cadeia pra ser feita de besta pelos outros?”* Porque minha mãe é grossa!

Nesse tempo era diferente, tinha uma tal de comissão na cadeia. Tudo que acontecia era decidido por uma comissão de presas e elas eram as bichonas, as poderosas. Não tinha coletividade, elas decidiam tudo e só elas falavam com a direção. Nesse tempo podia entrar na cadeia a sandália Kenner, então se você fazia alguma coisa que as poderosas achavam que era errado, você apanhava na cara de Kenner. Se você devesse alguém ou fizesse raiva pra elas ou pra alguma amiga delas você apanhava também. Quando tinha reunião da comissão, elas fechavam um pavilhão só pra elas, o pavilhão B, as bestinhas não ficavam lá não. Então eu queria tá no meio das bichonas. Porque eu era presa eu queria tá lá, no meio delas. Então uma vez eu me meti numa briga e peguei 90 dias de castigo, mal eu saí do castigo e de novo briga, então mais 90 dias de castigo. Ao todo foram seis meses sem ver minha mãe. Nesse tempo entrava “rádio<sup>32</sup>” aí dentro, então eu pedi pra uma menina pegar o rádio porque eu não pegava no telefone nessa época. Pedi pra ela ligar pra minha mãe e colocar no viva voz, então minha mãe falou um monte de coisa pra mim.

Como eu tava muito tempo sem ver minha mãe, a direção decidiu me dar dez minutos pra conversar com minha mãe, então minha filha chorou. Minha filha teve até febre durante o tempo que ficou sem me ver. Então eu pensei: “*A partir de hoje ninguém mais vai pisar em mim ou me bater!*”

Nessa época eu vivia igual um macaco, pulando de cela em cela. Toda cela alguém queria me bater e como eu era mais velha na cadeia e vivia me metendo em confusão ninguém queria dar crédito pra mim.

A cadeia mudou depois que a atual diretora assumiu. Com nossa diretora atual não interessa se você é mais velha ou não, porque a cadeia é pra todos! Aqui ninguém tá pra humilhar ninguém porque todas são iguais. Ela acabou com esse negócio de comissão. Agora nem esse negócio de PCC<sup>33</sup> não tem mais vez aqui, porque antes se alguém da comissão ou que dizia ser do PCC dissesse que não queria determinada pessoa aqui, a direção tinha que dar o jeito e tirar a pessoa daqui. “Saía de *bonde*<sup>34</sup>” ou pra provisória, mas não ficava aqui.

Antes elas diziam que a direção tinha que respeitar porque o “bagulho é doido”. Dizer que o “bagulho é doido” é ameaçar que vai dar “*chuchada*<sup>35</sup>” por exemplo.

---

<sup>32</sup>Telefone celular.

<sup>33</sup>Primeiro Comando da Capital (Organização Criminosa).

<sup>34</sup>Transferência de preso pra outra cadeia mediante escolta.

<sup>35</sup> Ferimento causado por chucho (faca improvisada).



Aí, nessa época, eu falava pras “gata”: *“Aquele que vir me bater eu vou cortar o pescoço! Vou fazer e vou acontecer e vou jogar o corpo aqui no pátio! Eu quero só ver!”* Mas foi aí que a nova diretora chegou. No dia em que ela chegou eu fui a primeira a falar com ela e contei tudo que a antiga direção fazia. Contei da mania de só dar credibilidade pras meninas da comissão, das agressões que as meninas da comissão faziam com as demais, contei que meu castigo era só pegar jega e que eu vivia pior que cachorro. Então ela perguntou: *“E qual a sua opinião? Como você acha que deveria ser a vida dentro da cadeia?”* Eu disse que pensava que muita coisa precisava mudar e que todas deveriam ter oportunidade. Daí ele começou a *“tesourar<sup>36</sup>”* um monte de coisa: as meninas da comissão perderam a voz ativa, acabou essa história de reunião da comissão e muita coisa foi coibida. Uma vez fizeram até um abaixo-assinado pra me tirar da cela porque eu tenho esse jeito de dizer o que eu penso que é o certo. Então foi a primeira vez que alguém me deu razão. A diretora disse: *“Negativo. Ela vai ficar aí.”* Então eu pensei: *“Já gostei dessa mulher. Com ela o negócio é certo, é tudo na base do PAD. Agora muda essa cadeia.”* Eu nunca falei isso pra ela...

Muita gente não gostou porque muita coisa foi proibida, mas eu sei que foi bom. Eu sei que ela dá com uma mão e a gente mesmo tira com a outra. Por exemplo: antes a cadeia era aberta, mas por causa de briga, bebida e desrespeito, deixou de ser. A diretora não aceita esse tipo de comportamento. Ela mesma diz que aqui nessa cadeia ninguém agride, porque se a gente for assistir reportagem dá pra ver que tem muita cadeia que a administração bate e judia, mas aqui não. Então se nem eles batem, como é que vão permitir que tenha agressão entre as presas? Se tiver alguma presa ou agente que ficar se engalinhando ela toma atitude! Ela não permite mesmo, coisa que os outros diretores nunca fizeram. Na administração dela teve até presa que foi fazer faculdade na rua. Hoje em dia não existe mais porque o juiz da vara de execução proibiu, mas ela sempre procura cursos pra gente. As vezes a gente faz o ENEM só por fazer, porque a gente sabe que mesmo que passe não vai poder fazer a faculdade. Eu tô a cinco anos aqui e são cinco anos fazendo ENEM, passo mas não dá em nada porque depois que esse juiz proibiu de fazer faculdade não podemos mais sair, só faz quando for pro semiaberto.

---

<sup>36</sup> Vetar, cortar.

Aqui na prisão as minha amigas são contadas nos dedos; tenho poucas amigas, mas tem uma que quando eu tava em depressão conversava muito com ela. As outras diziam que não sabiam porque eu conversava com ela, que ela era chata e ogra, mas eu dizia: *“Deixa ela! Vocês não sabem que por dentro ela é igual uma manteiga derretida.”* As outras falavam: *“Aonde? Isso é ruim! Lá fora isso faz e acontece!”*. E ela ficava calada...

Agora na cela onde eu fui morar eu fiz amizade com uma menina que me contou que tinha medo de mim porque eu era durona, mas que eu mostrei ser uma pessoa totalmente diferente. Eu disse: *“Você conheceu a Rafaela, as outras que me irritam conhecem a Sofia”*. Eu lembro que quando eu cheguei, eu era tão bobona que eu gastava meu dinheiro pra pagar lanche pras outras, me metia em confusão por causa das outras, só pra poder tá no meio das doídonas. Hoje em dia eu também tenho amizade com a minha prima, ela tá aqui tem um ano...

Querendo ou não, dentro da cela a gente tem que se aturar porque se não a gente briga e pega PAD. Então não adianta ficar brigando, eu tiro por mim... Eu já podia tá lá fora, na expectativa de ficar com a minha filha... Eu já peguei muito castigo de ficar sozinha, trancada dentro da cela, chorando e me perguntando: *“Meus Deus! O que que eu fiz da minha vida?”*

Aqui dentro é muito mais desafeto do que amigo, porque aqui você só vale o que tem. Se hoje tu tiver eu sou tua amiga, se amanhã tu não tiver, se vira e sai de perto de mim.

Quando eu sair daqui eu quero dar outro rumo pra minha vida pessoal. Eu penso em ir embora. Eu não quero *“puxar”<sup>37</sup>* semiaberto aqui porque eu ainda guardo uma grande mágoa do meu marido e agora eu conheço o meu lado ruim. Até então eu não conhecia esse lado, eu vim conhecer na cadeia. Então eu tenho a expectativa de arrumar um emprego. Depois que eu estiver trabalhando no semiaberto eu quero pegar minha filha e a minha mãe. Eu já dei muita dor de cabeça pra minha mãe e pra minha filha e querendo ou não as duas são minhas guerreiras, então tá na hora de eu cuidar delas. Minha filha me cobra muito quando eu vou voltar pra casa. Eu penso muito que minha filha vai fazer dez anos e logo logo faz doze, vai ficar mocinha. Eu quero tá lá quando chegar a primeira menstruação da minha filha. Eu quero tá lá do lado dela. A primeira coisa que me fez pensar que eu só pensei em mim e não pensei

---

<sup>37</sup>Cumprir a pena.

nelas foi na formatura da minha filha de seis anos. Se eu tivesse pensado na minha filha e na minha mãe, em vez de pense em mim e na minha amiga, nada disso teria acontecido. Às vezes passa um filme na minha cabeça e eu vejo como eu fui tão idiota, tão babaca de assumir “B.O.<sup>38</sup>” dos outros. Por causa dos outros eu tô aqui agora e a minha filha tá lá... Às vezes minha filha conta que a tia judiou dela e pergunta quando eu vou pra casa.

Às vezes ela diz que quando eu sair daqui e voltar a trabalhar ela só vai andar “*chiqueríssima*<sup>39</sup>” comigo. Ela gosta de luxo, a Katrielle, ela gosta de tá bem vestida, de andar maquiada, ela gosta de dançar igual eu. Eu digo pra ela que ela é igual ao pai dela: tem dupla personalidade, porque na minha frente ela é comportada, mas longe de mim eu sei que ela gosta mesmo é de dançar... Então a minha expectativa de vida é sair desse lugar, trabalhar... Porque eu espero que as portas não se fechem pra mim só porque eu sou presa, eu espero que as portas se abram pra que eu possa dar uma qualidade de vida melhor pra minha filha.

Quando eu sair daqui, no meu ponto de vista, não tem mais possibilidade de ficar junto com o pai da minha filha, mas eu quero ter um bom emprego, ter condições de pagar o aluguel de um apartamento pra morar, ter minhas coisas dentro de casa e poder pegar minha filha pra morar comigo.

Parando bem pra pensar, em toda a minha vida nunca existiu Magno, Rafaela e Katrielle. Sempre existiu Rafaela e Katrielle.

A população hoje em dia é muito influenciada pela imprensa. A maioria desses programas, quando a gente vai assistir, sempre tão recriminando os presos. Eles dizem que o preso tem vida boa, que preso come bem, mas nada disso é verdade. Se a gente quiser ficar bem, a nossa família tem que trazer comida e produto de higiene. As portas pra nós só vivem fechadas, se eu disser que ficam abertas eu estaria mentindo. O preconceito é tão grande que existe até o caso de uma amiga nossa que já tá no semiaberto e trabalha no CPA<sup>40</sup>. Essa menina pegou um recesso de sete dias e uma mulher que trabalhava com ela todo dia no CPA viu ela na rua e nem falou com ela porque sabia que ela tava no semiaberto, fingiu que nem conhecia, ignorou. Dizem que a gente tem mordomia dentro da cadeia, mas mordomia você tem em casa, no seu lar. Dizem que a sociedade vai ressocializar e dar um emprego e oportunidade,

---

<sup>38</sup> Crime.

<sup>39</sup> Elegante, bem vestida.

<sup>40</sup>Centro Político e Administrativo.

mas na realidade não é assim que acontece. Não é todo mundo que abre as portas pra nós. Todo mundo só sabe julgar e a gente sempre vai ser o “pau torto”. Só quem dá oportunidade pra nós é a nossa família e quem nos conhece de verdade e que acredita que a gente possa mudar. Mas todo mundo devia saber que apesar de ser presa, somos seres humanos. Todo mundo tem o direito de errar, mas nem todo mundo abre as portas pra nós lá fora não.

**6. Alegria: uma menina-mulher carente de amor, respeito e estrutura familiar.**

27 anos.

Preso atualmente pelo artigo 33; tráfico de drogas.

Natural de Espigão do Oeste - Rondônia, residia em Ji-Paraná-RO, no bairro JK.

Uma mulher com jeito de menina que reproduz com seus filhos os traumas que viveu na infância.

Carente de amor, encontrou entre as colegas de cela a estrutura familiar que nunca teve. Pra ela, a cadeia é o lugar da redenção.

Fotografia 6: Alegria na sacada do prédio da sala de aula.



Fonte: ALVES, Hellen Virginia da Silva. Acervo pessoal. 2016.

***“As vezes, a gente vê uma pessoa muito ruim, muito ignorante, muito mal caráter, só que agente não sabe o que ela passou na infância, a gente não sabe o que aconteceu com ela.”***

Sou de Ji-Paraná, Rondônia. Estou presa há dois anos e nove meses. Faz um ano que fui transferida pra Porto Velho.

Eu cresci só com a minha mãe e o meu irmão. Eu estudava, ajudava minha mãe a cuidar do meu irmão, ela trabalhava em bares. A gente era pequeno e não entendia, a gente sofria pela falta de uma mãe e de um pai dentro de casa, mas a gente se contentava porque ela era uma mãe boa. E depois, quando eu tinha nove anos, ela começou a vender droga e eu ajudava ela. Eu que escondia as drogas porque eu tinha medo da polícia prender ela.

Com o passar do tempo ela começou a beber muito e sempre saía pras festas. Então as pessoas chegavam na nossa casa tarde da noite querendo comprar e eu acabava vendendo. A pessoa jogava o dinheiro por baixo da porta e eu jogava a droga e se faltasse cinco centavos eu não entregava. Quando eu fique de férias da escola eu fui pra casa da minha avó, então eu não estava mais lá pra esconder a droga. Porque ela bebia muito e sempre esquecia de esconder a droga. Então, como eu não estava mais lá pra esconder a droga, a polícia chegou lá e prendeu minha mãe.

Quando eu voltei da minha avó, minha mãe perdeu a nossa guarda e eu fiquei muito triste. Fui pra um abrigo com o meu irmão, lá na Casa do Menor eu cuidava dele.

Depois minha mãe foi presa de novo. Sempre por 33<sup>41</sup>, mas o juiz sempre era bom com ela porque ela nunca foi presa com muita droga. Aí depois minha mãe começou a usar droga também, mas eu não sabia, nunca soube que ela fumava droga.

Mas eu não gostava do abrigo, eu queria sair de lá. Não era porque as pessoas me tratavam mal, era porque eu sentia falta da minha mãe. Lá ninguém me maltratava, eu sempre fui muito bem cuidada e todo mundo gostava de mim e do meu irmão. Mas quando a criança quer a mãe, não tem quem tome o lugar dela.

Minha mãe saiu da cadeia, mas não podia pegar a gente. Aí, ela ia lá na escola visitar a gente porque ela não podia ir no abrigo. Ela aparecia na escola e eu dizia: “Mãe, pelo amor de Deus, me leva embora!” E ela dizia: “Eu não posso minha filha, se eu fizer isso posso ir presa.”

Aí um dia eu fugi e levei meu irmão junto comigo. Eu sempre penso comigo que foi nesse dia que eu acabei com a minha vida e a do meu irmão. Porque se eu tivesse

---

<sup>41</sup>Artigo 33 do Código Penal, refere-se à tráfico de drogas.

ficado lá eu poderia ter sido adotada, ou quem sabe até ter sido criada lá com amor e carinho, do jeito deles. Eles davam amor e carinho pra gente, mas o ser humano sempre quer mais. E eu fugi e liguei pro Conselho Tutelar e falei que se eles não entregassem eu e meu irmão pra minha mãe eu iria me matar. Aí rapidinho fizeram todos os papeis, foram lá na casa da minha mãe e me entregaram.

Aí nos fomos morar com minha mãe, mas ela vivia do mesmo jeito; bebendo, fumando e eu não sabia. Ela ainda tava trabalhando em bar, porque quando ela não queria vender droga, ela trabalhava em bar. Aí os anos foram passando e eu já queria namorar, não queria saber de nada com a vida. Hoje eu penso que a gente sempre quer seguir o exemplo da mãe é por isso que hoje eu quero tanto mudar, porque eu quero dar um bom exemplo pros meus filhos.

Ainda pequena eu já fugia da escola e não queria saber de estudar, queria ir tomar banho no rio com os amigos... Mas eu sempre carregava o meu irmão, eu levava ele pra todo canto que eu fosse. Pra onde quer que eu fosse, eu tinha que levar ele.

Muito cedo eu comecei a roubar porque eu sempre queria mais. Minha mãe me dava, mas eu sempre queria mais. Eu venho de família humilde então eu sempre via que as outras crianças tinham e eu não. Pois eu ia lá e roubava! Eu entrava no supermercado e roubava bolacha pro meu irmão comer. Eu chegava na lanchonete e pedia refrigerante pras pessoas, enquanto elas iam comprar eu roubava a comida que estivesse em cima da mesa. Eu entrava nas lojas e roubava roupa. E daí eu fui me acostumando com isso.

Eu já sabia vender droga porque eu aprendi com minha mãe e eu deixei me levar... Eu fui me acostumando em roubar. E com treze anos eu já era do mundo do crime com certeza; eu já roubava e já vendia droga. Inclusive com dezesseis anos eu paguei uma cadeia de um ano e seis meses por 157<sup>42</sup>. Eu fui presa com uma quadrilha, eu fazia parte dela, era uma das principais. Vendia droga também, roubava, fazia de tudo um pouco... E eu pensei que ia acabar ali.

Eu tive meu primeiro filho com treze anos porque eu era muito namoradeira, fiz ele com treze e tive com quatorze. Com quatorze anos eu engravidei de novo e meu segundo filho nasceu quando eu tinha quinze anos. E com dezesseis anos eu fui presa e minha mãe ficou cuidando dos meus filhos.

---

<sup>42</sup>Artigo 157 do Código Penal, refere-se à roubo mediante violência.

Nessa época, enquanto eu tava presa, minha mãe não me abandonou, sempre ia me visitar. Eu achava que tava tudo ótimo, que tava tudo sossegado, que a vida era daquele jeito; pagar cadeia, ir embora e fazer tudo de novo. Só que dessa vez, fazer tudo melhor pra que a polícia não me pegasse. Só que eu perdi o controle...

E já fumava droga, já era viciada e não vivia sem. Se eu ficasse sem usar eu ficava nervosa e xingava todo mundo. Então quando você pensa que tá indo tudo bem é porque tá indo tudo mal mesmo. E a minha vida foi indo de mal a pior.

Paguei minha cadeia e depois eu fui presa de novo, quando eu tinha dezenove anos. Aí eu fui solta. Depois eu fui presa de novo com vinte anos. Eu tava grávida da minha filha, então eu tive ela dentro da cadeia e fui solta de novo. O juiz me dava chances porque eu tinha meus filhos e quando eu tava lá fora eu cuidava bem deles, eu que fazia tudo por eles, então ele me deu oportunidade de pensar na minha vida. Inclusive o juiz até conversou comigo, falou pra eu tomar juízo porque a vida não era assim do jeito que eu pensava. Mas eu não tava nem aí... Achava que tava tudo sossegado, tudo tranquilo... Eu tava nova, sabia ganhar dinheiro, tava tudo beleza.

Eu não sei se foi porque a nossa mãe teve a gente muito cedo, porque eu também fui mãe cedo e eu era muito irresponsável, mas ela não providenciava nada pra nós. Meu irmão sempre deu a vida pelos meus filhos, tanto que eles chamavam meu irmão de pai. Então, como minha mãe não providenciava nada pra nós, meu irmão cresceu sem certidão de nascimento. Ele não podia ser matriculado, não podia dar entrada no hospital, não podia nada. E, uma das vezes que eu saí da cadeia, eu queria muito colocar ele na escola porque eu queria que ele tivesse uma vida diferente da minha. Eu era errada, mas eu não queria que ele fosse errado, mas ele sempre ia no meu caminho, não tinha jeito.

Então eu fui atrás de fazer o registro dele porque minha mãe não tinha tirado. Aí eu fui no cartório, corri atrás num monte de lugar. Pedi ajuda do pessoal do fórum e consegui um lugar pra tirar o registro dele. Chegando na escola, me disseram que ele não poderia ser matriculado porque não tinha registro, nem tinha a mãe pra ser a responsável por ele. Então lá onde fazia o registro me disseram que tinha que ter a mãe ou então que eu ia ter que registrar ele no meu nome, mas eu disse que não poderia porque ele era meu irmão e eu não tinha idade pra ser mãe dele. Fui atrás da minha mãe na casa dela e ela não queria ir de jeito nenhum. Eu falei: "Mãe, pelo amor de Deus, me ajude! A senhora tem que ver o rostinho dele, ele tá tão feliz! A senhora tem que registrar esse menino." Então ela foi lá e assinou pra registrar ele. Ele ficou



tão feliz, mas tão feliz, que parecia até que ele tinha ganhado um prêmio muito valioso. Pra muita gente não vale nada um registro, mas pro meu irmão valeu muita coisa ser registrado.

Quando eu saí da cadeia, casei com uma pessoa muito especial que mudou minha vida. Ele me fez parar pra pensar na minha vida, nos meus filhos, no meu futuro... Ele me fez ver que um dia eu vou ficar velhinha, que um dia meus filhos vão olhar pra mim e eu vou ter que ser o espelho deles, vou ter que dar orgulho pra eles. Ele me fez enxergar o amor pelo próximo porque eu não tinha amor por ninguém, nem por mim mesma. Eu não tava nem aí porque quando uma pessoa faz o que quer é porque ela não tem amor nem por ela mesma, ela não ta nem aí se ta pegando cadeia, se vai deixar de pegar, se vai morrer... Antes dele, eu vejo que a única pessoa que eu amei na minha vida foi meu irmão.

Apesar de que eu tinha pessoas importantes ao meu redor, eu não me importava com ninguém, eu só queria saber dos meus prazeres.

O meu marido também fazia as coisas erradas comigo, ele era meu parceiro. Só que ele era uma pessoa boa, com amor no coração, e eu não tinha amor. Eu não tava sem aí se eu ia morrer ou não... Só que ele foi me explicando como era a vida. Ele foi me explicando tudo direitinho... Foi quando eu conheci o lado bom da Alegria; uma pessoa que fazia o mal, mas que pode fazer o bem bem melhor. Ele me aconselhou a procurar Deus e mesmo fazendo coisa errada e vendendo droga eu fui. Um dia nos foi revelado que, se a gente não aceitasse Jesus de coração e parasse de fazer o mal, nós íamos sofrer e ter uma decepção muito grande na nossa vida. Nos foi revelado que essa era a hora da gente mudar. Mas como sempre a gente não quis porque a gente já tinha um meio de vida que a gente achava legal. Então nós fomos presos. Com a prisão nós perdemos tudo; casa, moto e dinheiro, tudo foi pro advogado. Ficamos com as crianças na casa dos pais dele.

Hoje, eu vejo que nunca vivi tão bem como eu vivo hoje. Hoje eu vivo feliz por ver uma vida bem melhor no futuro pra mim, pra minha família, pra minha sogra, pra minha mãe...

Eu tenho mágoas que eu mesma criei dentro de mim, mas eu sei que eu posso muito bem perdoar e posso esquecer. E eu espero que eu esqueça e que eu supere pro meu próprio bem e pro bem da minha família; dos meus filhos, da minha mãe, do meu irmão.

Hoje meu irmão se encontra preso também porque pra onde eu ia, eu levava ele. Mas eu sei que ele é uma pessoa feliz e eu quero muito ter oportunidade de dizer pra ele que não é essa vida que vai nos trazer felicidade.

Hoje eu estudo, eu faço curso de recepcionista e esse curso foi o que me fez ver a vida bem melhor também. Foi o que me ajudou a passar por cima de ignorâncias, orgulho, me ajudou a ser uma pessoa capaz de ajudar as outras pessoas. Porque ser ajudada é muito bom né?! Mas e ajudar? E falar coisas ruins pode fazer você se sentir bem, mas e a pessoa que está escutando essas coisas? Será que ela tá se sentindo bem? Então a gente tem que pensar em tudo que a gente fala e tudo que a gente faz. E tudo tem um começo, então por mais que você esteja com trinta, quarenta ou cinquenta anos, tem um começo, basta você ver.

Então hoje eu tô presa, mas eu me sinto uma pessoa feliz, eu me sinto uma pessoa melhor. Eu tô bem, tô feliz comigo mesma e eu quero mudar a vida da minha família e dos meus filhos, eu preciso vencer o meu próprio eu.

Dessa vez que vim parar aqui eu já tinha mudado muito coisa na minha vida, tinha feito novas amizades, tava trabalhando... Eu sempre fui muito persistente, então dessa vez eu persisti em mudar, só que o meu passado ficou bastante sujo na justiça. Então a polícia chegou na minha casa com um mandado do meu passado; eu tinha ido presa com uma menina e ela disse que a droga era minha e o juiz acreditou porque todo mundo conhecia minha fama mesmo. Eu neguei, mas não teve jeito. Eu fui presa e peguei uma sentença de dez anos e, como eu sou reincidente, eu teria que pagar seis anos. Então o que me trouxe aqui foi o 33 do passado.

A minha mãe nunca chegou a acreditar na minha mudança. Eu falava pra ela: *"Mãe eu mudei."* E ela dizia: *"Mudou de casa, de arma ou ficou mais bandida?"* Acho que ela nunca acreditou na minha mudança porque desde pequena eu fazia o que queria, não ligava pros sentimentos de ninguém, não tava nem aí pra nada, então acho que ela perdeu as esperanças em mim. Então até hoje ela nem vem me visitar porque ela diz que eu vou sair e vou fazer tudo pior. Ela pensa que eu tô aqui dentro só calculando tudo que eu vou fazer quando sair porque antes era isso mesmo que eu fazia; ficava na cadeia só calculando tudo que eu ia fazer quando saísse, pra praticar o crime novamente e não ser pega pela polícia. Quanto ao meu irmão, eu fico muito triste por estar longe dele e não poder dizer pra ele que a vida não é assim e que a gente precisa mudar e ser uma pessoa melhor. O que me dói mais é a separação entre eu, meu irmão e meus filhos.

Meus filhos são meninos muito inteligentes e eles acreditam em mim. Meus filhos são presentes de Deus porque se eles tivessem puxado pra mim eu não sei o que seria da minha vida, mas ainda bem que nenhum deles se parece comigo, eles são muito bonzinhos. Quando eu vendia droga eu dizia pra eles que era doce e eles perguntavam porque vender aquele doce me levava pra cadeia. Daí eu respondia que às vezes levava, mas às vezes não; se a polícia achasse o doce eu ia presa, mas se eu escondesse o doce e a polícia não achasse eu não iria... Então eles queriam me ajudar a esconder, mas eu brigava e dizia que eles não podiam pegar no doce. Mas eu sempre esquecia de esconder porque eu fumava e a maconha leva a gente a esquecer de muita coisa, então meus filhos achavam e escondiam. Eles pediam para eu parar de vender esses doces porque eles não queriam mais viver sem mim, mas eu dizia: *“Meu filho, se eu parar de vender doce, você não vai mais ter bolsa pra estudar, você não vai ter material escolar, não vai ter casa, não vai ter mais nada.”* E eles diziam: *“Não mãe, eu não preciso de bolsa não, eu posso levar minhas coisas numa sacolinha de arroz. E os meus materiais eu posso pedir pra minha avó, eu peço pro meu pai... não precisa comprar material.”* Aí, pra tentar vencer ele, eu dizia: *“Então tá. Vamos ficar sem energia porque eu não vou ter dinheiro pra pagar a conta de energia.”* E ele respondia: *“A gente acende uma velinha. O que eu não aguento mais é ficar sem a senhora.”* E isso partia o meu coração... porque eu sempre quis ser independente. Eu sempre quis dar um conforto pra eles e uma vida melhor, mas destruindo a vida dos outros não era legal. Porque o que eu fazia era destruir a vida das famílias, dos pais, dos adolescentes... eu podia não destruir totalmente, mas eu ajudava, eu cooperava pra aquilo. Eu gostaria de um dia saber que meu filho tava numa boca de fumo, fumando droga? Eu não gostaria de jeito nenhum! E era isso que eu fazia... eu fazia o mal.

Mas eu acho que meus filhos acreditam em mim. Eles sabem que eu vou dar uma vida melhor pra eles e isso é o que eu mais quero. Eu não peço pra Deus me tirar daqui em momento algum. As vezes eu falo com Ele, eu falo: *“Meus Deus, será que eu já tô preparada? Eu tô com tanta saudade... Mas eu não quero sair daqui do jeito que eu sempre fui; uma pessoa que não pensa no próximo, que não faz o bem. Eu quero fazer a diferença. Eu quero fazer o bem pra que eu possa receber o bem.”* Receber o bem é muito bom, mas e fazer o bem?

Esse lugar que tô agora eu não conheço muito bem porque eu convivi pouco tempo aqui, mas o pouco que eu convivi não tenho do quê reclamar. Eu não acho que

esse lugar vai nos influenciar a ficar pior. Às vezes a gente fica revoltada, mas a verdade é que a gente fez, mas a gente não quer pagar. Ninguém quer pagar uma coisa ruim. As pessoas que trabalham aqui não têm culpa, elas só querem levar o pão de cada dia pra sua casa com dignidade, mas elas acabam tendo que responder à altura porque a gente fala coisas...

E muitas vezes a gente acha que, porque a gente tá sofrendo ou porque a gente foi muito doida lá fora; fez a aconteceu, mandar matar e matou, vendeu droga, a gente acha que pode fazer o que quiser. Mas não é bem assim. Aqui tem lei, tem regras...

Eu sempre reclamei muito porque eu achava que não tinha oportunidade de mudar. Eu ficava lá presa e não tinha nada pra fazer, a única coisa que dava pra fazer era um “corre”. Mas aqui não, aqui é diferente. Aqui a gente tem oportunidade sim, só que a gente tem que correr atrás. Não pense que, se você ficar lá deitada na sua jega, a diretora vai aparecer lá e te arrancar pelos cabelos e te dar um trabalho. Não é bem assim! Ou então ela pode até determinar que você vai fazer um curso ou um trabalho se não vai ser regredida, daí a gente vai ficar com medo e vai fazer porque ninguém quer ser regredida. Mas é pro bem da gente, apesar de que nem todo mundo vê assim. Não estou falando de mim, mas das minhas colegas. Nesse caso, a gente vai lá por ir... fica lá olhando pras unhas e vendo se elas tão bonitas, então a gente fica criticando uma colega da gente quando ela tenta dar um exemplo pra professora com a intenção de demonstrar que a gente tá se esforçando pra tentar acompanhar. Ou então a gente pode ficar lá alisando nosso cabelo e pensando se ele tá macio e sedoso. Mas quando a gente quer de verdade, a gente consegue! A gente pode determinar que vai, por exemplo, conseguir eliminar uma matéria de matemática e de português. Então eu tô estudando e tô fazendo o curso de recepcionista e eu vou conseguir ser comunicativa, ser prestativa, eu vou conseguir seguir o ritmo que a professora tá me ensinando. Eu vou conseguir colocar tudo aquilo não só na minha cabeça, mas no meu coração. Porque quando você realmente quer conseguir uma coisa você se dedica de corpo e alma, e foi isso que eu fiz. Esse curso foi maravilhoso pra mim. A escola também. Eu tô aprendendo a falar melhor. As meninas tiravam sarro de mim porque eu falava tudo errado.

Mas eu tô querendo mudar e ser uma pessoa melhor porque quando tu tem dinheiro e fala errado é chique, mas quando tu não tem dinheiro e fala errado é porque tu é brega mesmo! E agora eu não tenho dinheiro, então eu vou falar certo pra ser chique, né?!

Então aqui tem oportunidade sim, mas pra quem quer. As diretoras são pessoas boas, mas tem que demonstrar que quer. No passado eu acharia esse lugar muito ruim e não iria gostar delas em hipótese nenhuma. Eu ia querer elas bem longe de mim! Mas hoje, que eu quero mudança e que elas podem me ajudar e me ajudam, pra mim elas são boas pessoas.

Aqui tem uma divisão. As meninas falam que na cela onde eu moro só moram as “filhinhas da diretora”. Mas é porque a gente quer curso, a gente procura não tratar mal... a gente pede mesmo! A gente diz: *“Dona diretora, pelo amor de Deus, ajuda a gente! A gente quer curso!”* Então, ela é ser humano, então acaba ajudando a gente. Mas tem umas que gritam: *“Ei dona diretora! Eu preciso falar com a senhora!”* Não é bem assim! Ela não se recusa a falar com nenhuma de nós, mas com certeza ela percebe quem quer mesmo. Quem quer de verdade pede com humildade, com educação. E quando a gente pede desse jeito a gente consegue.

Eu nunca pensei em ir pra essa cela. Eu nem gostava dessa cela porque as outras falavam coisas horríveis de lá e eu tinha medo. Me falaram que tudo que acontecia lá a diretora sabia. Então quando eu fui pra lá eu já cheguei encrocando com todo mundo, cheguei na ignorância falando que se alguém fosse falar de mim pra diretora o *“bagulho ia ficar era doido”*. E nada, nada aconteceu... Eu fiz foi entrar no ritmo de todo mundo da cela e fique sossegada. Eu vi que eu não perdi nada, fiz foi ganhar. Ganhei amor, carinho das minhas colegas, não tenho problema com ninguém nessa cela, elas são legais comigo e quando eu faço alguma coisa errada elas sabem conversar e explicar que não é bem assim. Então, como as meninas dessa cela são diferentes, a diretora acaba separando a gente porque se a gente for pra uma cela onde só tem doidona é perigoso a gente brigar e querer ficar doidona também.

Então a diretora dá oportunidade pra gente, mas a gente também fica de castigo se a gente falar alto, se não respeitar as ordens dela... A única diferença é que ela dá mais oportunidade pra nós. Se a gente quer um curso, ela corre atrás e faz de tudo pro curso chegar. Eu sou muito grata pela pessoa que eu sou hoje e pelas pessoas que estão ao meu redor. Eu não posso reclamar. E realmente, nós somos diferenciadas mesmo.

Na nossa cela tem uma colega que fala por todas nós. A gente conversa, todo mundo junto, sobre o que nós precisamos e ela vai lá com a diretora e fala por nós. Daí depois que conversa ela vem e traz uma resposta. Então eu acho que na nossa cela é ela quem fala por nós... Às vezes a gente quer pedir coisas e ela pensa e fala:

“Eu acho que isso aí a diretora não vai autorizar não...” Então a gente pensa e diz: “É mesmo, né?!” Então a gente encerra essa conversa por lá mesmo e não vai até a diretora. Porque a gente sabe que, às vezes, a gente quer demais mesmo.

Aqui dentro eu já achei o meu lugar. Antes eu achava que o meu lugar era lá no meio das doídonas pra fazer “bagulho doido” e fazer um monte de “corre<sup>43</sup>”, mas eu não me encontrei, eu não me preenchi. Agora, lá na cela 4 onde dizem que nós somos filhas da diretora, eu me identifiquei lá porque lá as meninas falam com educação. Eu já puxei outras celas e nas outras o pessoal só fala gritando do tipo: “É porra nenhuma!” E eu pensava: “Meu Deus do céu, eu não sou doida é nada!” Na cela 4, as meninas até brigam com educação, chegam pra você e falam com calma que você não fez a coisa certa, demonstrando carinho por você e isso é muito legal. Sabe, eu acho que é porque eu não tive muito carinho na minha infância, mas eu acho isso tão legal! Eu sei que eu sou muito carente, então elas me deram carinho e atenção e me conquistaram. Quando eu cheguei lá, eu tinha tuberculose e nenhuma delas me discriminou, elas cuidaram de mim e ainda me deram um monte de coisa pra comer. Daí elas foram me ensinando a falar direito porque antes eu vivia gritando igual um papagaio e falava um monte de besteira. As meninas foram me ensinando que tem coisas que a gente não deve falar porque só vai trazer um monte de coisa ruim. Daí eu parei pra pensar e realmente: tem momentos que é melhor ficar quieta.

A melhor coisa que me aconteceu nesse tempo foi vir pra cá. Já faz um ano que não fumo droga com a ajuda da segurança do presídio e com conselhos de amigas. Hoje sou uma pessoa feliz mesmo presa, mas meu espírito foi liberto com a ajuda de pessoas que acreditam na minha mudança de vida. Estou feliz com a minha vida!

Então eu fui aprendendo um monte de coisa com aquelas meninas e eu queria ir embora e levar elas “tudininho” comigo.

Aqui dentro eu tive que aprender a ser educada (porque eu era muito mal educada), a prestar atenção nas coisas porque se não prestar atenção a gente fica perdida e faz tudo errado. E aprendi a ter amor pelo meu próximo porque tem horas em que a gente ouve cada besteira que eu penso: “Deus é mais!”. Então a gente tem que procurar se colocar no lugar da pessoa. O principal é que pra gente se amar a gente tem que amar o próximo. Tem que querer o bem do próximo pro bem vir pra

---

<sup>43</sup>Praticar ato ilícito, geralmente furar, roubar, comprar ou vender droga.

você também. Se eu pensar: *“Essa aí tem mais é que se fuder!”* Quem é que vai se dar mal? Sou eu, porque eu tô ali desejando o mal pra minha irmã que tá sofrendo junto comigo. Que tipo de ser humano seria eu? Pois é... eu era assim, mas hoje em dia não sou mais não.

Eu quero muito fazer uma faculdade. Às vezes eu penso que é impossível, mas eu sei que existe um Deus que é muito grande e que existem muitas pessoas boas nesse mundo que podem me dar esperança, que podem tá do meu lado me dando conselhos... Eu sou o tipo de pessoa que precisa muito de conselho. Tudo que as pessoas me falam eu fico pensando: *“Será que é assim? Será que isso é verdade.”* Então eu vou pesquisar e vejo que é verdade.

E eu quero cuidar dos meus filhos pra eles terem orgulho de mim. Pra eles pensarem: *“Minha mãe conseguiu! Passou por tudo aquilo e conseguiu, então eu também posso conseguir. Mas só que eu não vou precisar nem passar por aquilo tudo e eu vou conseguir. Eu vou ser um vencedor!”* Então meu sonho é dar orgulho pros meus filhos, fazer uma faculdade e resgatar a vida do meu irmão no cárcere. O meu maior sonho é tirar ele dessa vida. E eu penso em casar também.

Eu quero casar com uma pessoa que eu conheço e penso que ele é um presente de Deus na minha vida. Eu já pedi resposta pra Deus, mas acho que eu ainda não tô preparada pra saber. Mas eu vou esperar em Deus. Eu quero muito casar numa igreja pros meus filhos olharem pra mim e falar: *“Olha, minha mãe casou na igreja e eu também vou casar na igreja quando eu crescer.”*

Então eu quero ser motivo de orgulho e tenho sonhos lindos pra mim e pra minha família. Eu quero ter minha família sempre unida, com amor no coração. E que eles nunca, nunca, nunca pensem em ser como eu fui um dia. Eu quero que eles sejam como eles sempre foram; pessoas boas, de coração puro, de coração limpo... Eu não quero que eles sofram como eu sofri, de passar pelo que eu passei pra conseguir realizar os sonhos. E eu tenho fé em Deus que eu vou realizar meus sonhos.

Às vezes, a gente vê uma pessoa muito ruim, muito ignorante, muito mal caráter, só que a gente não sabe o que ela passou na infância, a gente não sabe o que aconteceu com ela. A gente não conhece qual é o maior medo dela, qual é a maior vontade dela... Eu mesma não me conhecia, eu não sabia qual era meu maior medo, qual era minha maior vontade... Mas eu sei que eu fui uma pessoa muito sofrida e eu sei que esse não é um motivo pra eu ter feito o que eu fiz. Não é motivo porque

eu conheço pessoas que sofreram mais do que eu e que hoje são pessoas boas, que só fazem o bem na vida.

Eu não queria ter passado por nada disso, mas eu passei e com fé em Deus eu vou ser forte o suficiente pra não lembrar de nada dessas coisas que marcaram minha vida. A gente pode mudar. Todos podem mudar, mas a gente precisa de ajuda. Às vezes a gente pensa que pode mudar sozinho, mas não é assim. A gente precisa de ajuda, não financeira, mas na forma de um conselho, a gente precisa de pessoas que acreditem em nós. Eu tenho pessoas que acreditam em mim; são pequenininhos, são meus filhinhos, mas a vontade deles é tão grande que me faz acreditar. E a minha sogra também não me abandonou aqui e isso me dói muito porque eu só maltratei ela. Eu xingava ela, eu mandava ela ir prum monte de lugar. E ela gosta de mim! Eu não sei nem como que ela gosta de mim. Da onde que ela tirou esse sentimento? E eu tenho vontade de sair daqui e ir todo dia na casa dela, beijar ela, abraçar ela e falar pra ela que ela foi o meu porto seguro. E dizer que eu amo ela muito porque ela acreditou em mim mais do que a minha mãe. Ela nunca desacreditou que eu pudesse mudar, ela nunca esqueceu de mim até hoje. Então eu quero deixar uma mensagem de que você nunca desista de quem você ama. As vezes nem a família da gente acredita na gente, mas existem pessoas lindas nesse mundo e quando eu digo lindas eu quero dizer, de coração puro. E quero dizer também que é muito, muito bom receber um carinho, um amor de uma pessoa que nem é da sua família, que você nunca nem viu na sua vida. E o que mais me dói é que a minha sogra nunca teve o meu amor e mesmo assim ela me ama. Eu não sei da onde ela tirou tanto amor e o amor que ela me deu eu quero dar pro meu próximo. Que eu seja capaz de ajudar também outras vidas. Eu tenho muita vontade de contar o meu testemunho e de mudar vidas através dele. Tenho vontade de pregar a palavra de Deus, mas pra isso eu tenho que ser uma pessoa muito, muito, muito boa e preparada.

O que me ajuda a me manter aqui é o amor da minha sogra, dos meus filhos e de Deus, porque Ele sempre soube que eu iria ser uma vencedora, mas que antes eu tinha que passar por tudo que eu passei. Isso era necessário para que eu me tornasse uma pessoa boa, não bastava só crescer sem sentir na minha pele o que era ser presa, o que é sentir fome e não ter o que comer...

Às vezes eu fazia coisas sem sentido do nada, mas hoje não. Hoje eu sei o que é possível fazer, eu sei o que tem sentido, porque eu estive lá, no lugar daquela pessoa, no sentimento daquela pessoa. Um dia eu já fui aquela pessoa.



Então hoje eu acredito que o ser humano pode mudar porque eu tenho muita, muita vontade de mudar. E eu tenho fé em Deus que eu vou mudar porque eu já encontrei muitas pessoas boas que me incentivaram a mudar, antes eu não dei valor, mas hoje eu sei dar.

**7. Guerreira: uma mulher forte e de postura constantemente defensiva, mas que se desarma ao falar da família.**

25 anos.

Preso atualmente pelo artigo 33; tráfico de drogas.

Natural de Porto Velho - Rondônia, residia no bairro Agenor de Carvalho.

Temida por algumas colegas devido à postura imponente, revelou ao longo da pesquisa o quanto é sensível.

Teve oportunidade de estudar em boas escolas e possuía uma carreira profissional em ascensão antes da prisão. As drogas foram apresentadas por amigos e hoje ela sonha em se formar em medicina e ser mãe.

***“Sei que nada, nenhuma grade, nenhum obstáculo me impedirá de amar, sonhar, ser feliz, chorar, rir e sem sentir raiva, mas acima de tudo, aprender a não errar mais.”***

Minha infância foi marcada por vários acontecimentos. Sempre tive uma base familiar, os melhores colégios, as melhores roupas, a melhor casa, uma mãe maravilhosa, honrada e dedicada, um pai rígido, carinhoso, presente e preocupado, lindos irmãos. Brigávamos muito porque sempre fui a mais danada, então os dois se juntavam pra me bater (a Kelly e o Sulhyvan), mas sempre apanhavam. Ah! Que saudade...

Lembro-me de como o meu pai me ensinou a nadar; ele simplesmente me jogava no fundo da piscina e depois de me afogar muito, aí sim ele me pegava. E foi assim que aprendi a nadar.

Lembro-me da primeira vez que andei de bicicleta, sempre mais adiantada que todos. Saí, me lembro como se fosse hoje, numa bicicleta rosa de cestinha. Eu estava só de calcinha vermelha de babadinho, com apenas quatro aninhos. Meu pai e minha mãe sempre ao meu lado e eu toda feliz, dei uma volta na quadra e quando eu cheguei perto dos meus pais, pra surpresa deles, pedi que tirassem uma rodinha. Novamente eu dei outra volta na quadra e quando cheguei, pedi que tirassem a outra rodinha e no mesmo dia aprendi a andar de bicicleta.

Sempre fui uma criança hiperativa, mas todas as famílias têm seus momentos de dificuldade e eu estou longe de ser diferente. Meu pai tinha um grande defeito que por anos eu não consegui perdoar; ele traía muito a minha mãe e batia nela. E eu muito nova assumi um papel de filho homem; jogadora de handebol, ganhava bolsa escolar pra mim e pro meu irmão. Nunca tive amiguinhos, mas era em casa que eu tinha problemas. Meu irmão, que é cinco anos mais novo que eu, nasceu prematuro antes dos sete meses em decorrência do meu pai enforçar minha mãe que estava grávida, entrando no sétimo mês de gestação. Tudo isso foi confundindo a minha mente, mas eu sempre ficava ao lado da minha mãe.

Consegui me formar na oitava série. Meus pais estavam lindos e eu, com 14 anos, parecia uma princesa com um vestido de debutante. Na hora de receber o canudo, meu pai veio entregar junto com minha mãe e colocou no meu dedo meu primeiro anel, de ouro com esmeraldas que ele havia me dado quando eu tinha apenas três anos. Ele havia mandado alargar, foi lindo!

Minha mãe, sem palavras... é minha base, meu chão, minha vida, meu tudo. Sempre que tive um problema ela estava comigo com sua calma, com seu amor e com sua dedicação. Mesmo com tantos problemas conseguiu segurar as estruturas de nossa casa sozinha, administrando uma casa, três filhos e um esposo com sérios problemas. Mesmo assim aguentou até hoje, são 34 anos. Tenho ela como minha base realmente. Queria ser como ela; guerreira e tão forte... Tento descobrir onde ela encontra tanta força, mas só encontro Deus como resposta. E depois de tudo, ainda teve que aguentar eu me perdendo no crime, usando drogas, faltando as aulas e perdendo minha essência. Por fim, aos 19 anos, vim pra cadeia e mais uma vez ela não me deixou e já estamos nessa caminhada há seis anos. E ela ao meu lado, sem falhar. Posso dizer que minha mãe é a pessoa mais incrível que já conheci e mostro um pouco da força dela pras outras pessoas. Só eternizo ela cada dia mais e não há um jeito melhor de concluir minhas memórias do eu falando da minha rainha.

Hoje, ela e meu pai continuam juntos e bem.

Eu amo minha família e que Deus a proteja sempre.

Em vários momentos da minha vida sinto vontade de correr, correr e fugir de tudo. Mas aí paro e penso que fugir não é a melhor opção. Sinto como se a minha vida tivesse acabado, aí chega o dia de visita e vejo aquele sorriso lindo da minha mãe e descubro novamente minha força, sinto o amor correr entre minhas entranhas e quando ela vai fica um misto de saudade, tristeza e decepção.

Encontro em Deus meu auxílio, encontro em minha família minha determinação.

Aqui nessa penitenciária, eu poderia dizer que sinto ódio, rancor, raiva, mas eu descobri que a vida é curta e a minha necessidade é maior que minha raiva. Meus sonhos são tão grandes que não tenho tempo pra me perder no meio do caminho. Prefiro chorar, rir e recordar os momentos mais lindos da minha vida; dos meus irmãos, do meu herói (papai) e da minha rainha (mamãe).

Tudo isso é o que passo em um dia e tudo o que passei e passarei, ainda é só uma graduação.

Sei que nada, nenhuma grade, nenhum obstáculo me impedirá de amar, sonhar, ser feliz, chorar, rir e sem sentir raiva, mas acima de tudo, aprender a não errar mais.

“Transforme o vale que você vive em uma graduação”...